



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**ROMS, SINTI E CALONS: efeitos da mídia sobre a  
identidade dos chamados ciganos**

**JULIANA FERNANDES MIGOWSKI**

Rio de Janeiro  
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**ROMS, SINTI E CALONS: efeitos da mídia sobre a  
identidade dos chamados ciganos**

**JULIANA FERNANDES MIGOWSKI**

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro  
2008

*“A tua raça de aventura  
quis ter a terra, o céu, o mar:  
Na minha há uma delícia obscura  
Em não querer, em não ganhar...  
A tua raça quer partir;  
Guerrear, sofrer, vencer e voltar:  
A minha não quer ir nem vir.  
A minha raça quer passar”*

(Cecília Meirelles, “Viagem e Vaga Música”, p. 92)

*“Existem cerca de 15 milhões de  
ciganos dispersos pelo mundo.  
A história deles é de sofrimento e de miséria,  
mas é também da vitória do espírito  
humano sobre os golpes do destino.  
Os ciganos, hoje, recuperam sua cultura  
e estão a procura de sua identidade.  
Por outro lado, eles se integram  
nas sociedades nas quais vivem.  
Se eles forem compreendidos pelos seus  
concidadãos em suas novas pátrias,  
sua cultura vai enriquecer a  
atmosfera social com a cor  
e o charme da espontaneidade.”*

(Indira Gandhi, ex-primeira ministra indiana,  
no discurso de abertura do Festival Internacional Romani,  
em Chandigarh, Índia, 28/10/1983)

*Aos ciganos, que me encantam e inspiram;*

*Aos ciganos Yuri e Morgana, pela amizade e colaboração;*

*A Frans Moonen, pelos estudos, sem os quais esta monografia seria impossível, e pelos conselhos e dicas que me orientaram no início do trabalho;*

*A Dimitri Fazito, que gentilmente me cedeu sua dissertação, à qual muitas vezes recorri;*

*A Zarco Fernandes, pela paciência e boa vontade com que me atendeu;*

*A Mohamed ElHajji, pelos conselhos e orientação;*

*À Raquel Paiva, pelas dicas e pela dedicação com que realiza seu trabalho;*

*A todos aqueles que de alguma forma tornaram esta monografia possível;*

*A Charles Almeida da Luz, em especial, companheiro de todas as horas.*

MIGOWSKI, Juliana Fernandes. **Roms, Sinti e Calons:** Efeitos da mídia sobre a identidade dos chamados ciganos. Orientador: Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

O trabalho discute a idéia de *ciganidade*, evidenciando que a noção não se refere a um conjunto monolítico ou homogêneo de hábitos, costumes e práticas simbólicas, mas, antes, serve como designação genérica para um verdadeiro "mosaico cultural" composto por uma variedade de grupos étnicos. Em meio à diversidade, o que une Roms, Sinti e Calons, os chamados ciganos, é uma história de séculos de perseguição e preconceito – o que gerou a necessidade de produção de um quadro simbólico que fundamentasse a solidariedade entre eles. O trabalho aborda o papel da mídia na produção e perpetuação das imagens anti-ciganas e, por outro lado, analisa de que forma os meios de comunicação podem servir como instrumentos de mobilização desta comunidade, a partir dos princípios da comunicação comunitária.

# SUMÁRIO

## 1. INTRODUÇÃO

## 2. IDENTIDADE

- 2.1. Roms, Sinti e Calons: os assim chamados ciganos
- 2.2. Identidade étnica: solidariedade “fabricada”

## 3. HISTÓRIA

- 3.1. Origem e dispersão
- 3.2. Ciganos no Brasil

## 4. SISTEMAS SIMBÓLICOS

- 4.1. As muitas culturas ciganas
- 4.2. Violência simbólica e a formação de estereótipos

## 5. MÍDIA

- 5.1. Representação na mídia
- 5.2. Mídia comunitária e outras alternativas

## 6. CONCLUSÃO

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## 1. INTRODUÇÃO

Eles são muitos. Milhões. Mas ninguém sabe ao certo quantos eles são. A única certeza é de que estão presentes nos cinco continentes, constituindo uma das mais numerosas minorias do mundo. Sob o nome de ciganos, grupos de Roms, Sinti e Calons, denominações que eles preferem usar, constitui-se uma comunidade étnica marcada por uma grande diversidade cultural, social e econômica. Em comum, eles apresentam uma história de séculos de perseguição e extermínio.

Em tempos de globalização - nos quais, como assinala Jonathan Friedman, “uma coisa que não está acontecendo é o desaparecimento de fronteiras. Ao contrário, elas parecem ser erguidas em cada nova esquina de cada bairro decadente de nosso mundo”<sup>1</sup> - e de acentuação de manifestações de xenofobia, estudar a situação atual em que vivem mostra-se particularmente relevante.

Para isso, é bastante reveladora a análise das representações midiáticas sobre Roms, Sinti e Calons, bem como do uso que esses grupos fazem dos meios de comunicação. Como apontam diversos teóricos, a mídia assumiu o lugar de instituições de mediação tradicionais, com a escola e a igreja, processo a partir do qual se pode dizer que a mediação foi substituída pela *mediatização*.

Dessa forma, os meios de comunicação têm o poder de constituir verdades e não apenas de reproduzir versões. São por meio deles, também, que os estereótipos são produzidos e mantidos vivos. No caso dos chamados ciganos, este poder fica bastante evidente, como pretende demonstrar esta monografia.

Para evitar que as imagens negativas continuem a se perpetuar, motivando perseguições mundo afora, algumas - poucas - associações ciganas já perceberam que devem, elas mesmas, assumir o controle das ferramentas comunicacionais, garantindo que os ciganos deixem de ser apenas representados por agentes externos e possam, eles mesmos, apresentar suas versões sobre si próprios.

Todos esses elementos despertaram, na autora desta monografia, um profundo desejo de se entregar à pesquisa sobre a relação entre os chamados ciganos e a mídia - de que modo esta influi na identidade desses grupos étnicos e, por outro lado, como esta identidade pode e está sendo reconstruída pelos próprios ciganos quando estes assumem o controle de sua representação.

---

<sup>1</sup> FRIEDMAN *apud* Bauman, 2003: 21

Este desejo nasceu de um contato prévio com grupos de ciganos e pelo encantamento desta autora pela riqueza cultural de grupos Calons – a qual se entregou, por meio da dança. A beleza das músicas, o espetáculo das danças, a rigidez do código moral, geraram uma paixão que, se motivou o trabalho, também tornou o processo mais sofrível pela vontade de fazê-lo da melhor forma possível. E a melhor forma possível, no momento, não é a melhor forma que esta autora, humildemente, acredita que seria capaz de fazer.

Por conta do pouco tempo disponível para a realização deste trabalho, não foi possível um maior contato com grupos ciganos que permitisse, por exemplo, uma abordagem realmente antropológica sobre seus aspectos culturais. O contato com os ciganos existiu e foi constante ao longo de todo o trabalho, mas não ocorreu em meio a um acampamento cigano onde fosse possível observar de perto o modo de vida daqueles que mantêm o nomadismo.

Para tentar compensar esta lacuna, a autora fez entrevistas com ciganos de grupos diferentes, algumas dessas pessoalmente, outras via telefone ou e-mail. Nessas conversas, foram abordados aspectos históricos, culturais, identitários e representacionais. Além das entrevistas propriamente ditas, algumas lideranças ciganas aceitaram responder a um questionário, elaborado como ponto de partida desta pesquisa.

O passo seguinte foi a leitura da bibliografia básica disponível sobre os ciganos. Além de já serem poucos os livros sobre o assunto, e destes poucos serem praticamente raridade em livrarias ou sebos, muitos deles apresentam versões não aceitas por grande número de ciganos ou ciganólogos, o que não permitiu a apresentação de muitas fontes de informação sobre o assunto. Por isso, foram recorrentes os trabalhos de Frans Moonen e Rodrigo Côrrea Teixeira.

Paralelamente, foi feita a leitura de livros que tratam de questões-chave para esta monografia: identidade, comunidade e comunicação comunitária. Sobre estes assuntos, cinco autores foram recorrentes: Stuart Hall, Zygmunt Bauman, José Marques de Melo, Raquel Paiva e Muniz Sodré – estes dois últimos, orgulhosamente, professores da universidade pela qual esta autora se gradua.

Foi encontrada uma única pesquisa, gentilmente cedida a esta autora, que relacionasse as duas bibliografias, isto é, que ligasse os estudos teóricos sobre identidade e comunidade a ciganos – a dissertação de mestrado de Dimitri Fazito. No entanto, não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico nacional que fizesse esta ligação também com os



estudos sobre comunicação social – o que só aumentou a certeza sobre a relevância deste estudo e, concomitantemente, da responsabilidade desta autora.

Em seguida, foi feita a análise de notícias publicadas sobre ciganos na imprensa – sem ter sido feito um corte específico de veículo – além de uma observação crítica da representação de Roms, Sinti e Calons em novelas da Tv Globo – espaços onde uma suposta liberdade poética ou um menor rigor com a realidade abrem espaço para que os preconceitos / estereótipos se tornem mais evidentes.

Aqui cabe destacar que há duas novelas especificamente sobre ciganos, “Explode Coração”<sup>2</sup> e “Pedra sobre Pedra”<sup>3</sup>, das quais havia poucos vídeos disponíveis no site da emissora pelo qual foi feita a pesquisa. Assim, as análises focaram-se em trechos de novelas nas quais os ciganos apareciam no meio da trama, às vezes quase como figurantes, mas, como será abordado, quase sempre aparecendo de forma estereotipada. Já sobre as duas novelas que tiveram os ciganos como centro da trama, são apresentadas as opiniões de alguns ciganos sobre elas – dada a indisponibilidade de material para uma análise mais aprofundada.

O último passo para a realização desta monografia foi a análise da imprensa comunitária cigana e de outras iniciativas comunicacionais nas quais os ciganos se propõem a abordar sua história, cultura, identidade ou a comentar e discutir questões atuais que lhes estejam relacionadas. Foram incluídos aí tanto os sites direcionados a ciganos e como a não-ciganos.

Ao longo de todo o percurso da pesquisa para este trabalho, a maior dificuldade foi mesmo em relação às diferentes versões apresentadas pelas fontes entrevistadas. Por conta disso, a autora se viu obrigada, em diversos momentos, a apresentar opiniões contrárias, mas tentando apontar a versão mais aceita entre os estudiosos do tema.

Esta dificuldade é partilhada por outros pesquisadores, como Moacir Locatelli, que, no prefácio de seu livro, “O ocaso de uma cultura”, reproduziu o seguinte ditado: “Se você faz a mesma pergunta a vinte ciganos, receberá vinte respostas diferentes. Por outro lado, se você faz a um cigano a mesma pergunta vinte vezes, ainda conseguirá vinte respostas diferentes”<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Novela exibida na Tv Globo entre 6 de novembro de 1995 e 4 de maio de 1996. Foi escrita por Glória Perez e dirigida por Denis Carvalho.

<sup>3</sup> Novela exibida na Tv Globo entre 6 de janeiro e 31 de julho de 1992. Foi escrita por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn e dirigida por Paulo Ubiratan e Gonzaga Blota

<sup>4</sup> LOCATELLI, 1981: 17

O velho ditado revela, também, que os próprios ciganos geralmente pouco sabem sobre a própria história e cultura. Esta foi a conclusão que a jornalista Isabel Fonseca chegou em seu livro “Enterrem-me de pé: a longa viagem dos ciganos”<sup>5</sup>, no qual ela afirma que foram poucos os ciganos que encontrou interessados no assunto ao longo dos quatro anos em que percorreu comunidades de ciganos na Europa Oriental.

Neste sentido, a comunicação comunitária aparece como uma possibilidade reverter esta situação, pois ela pode ajudar a impedir que as culturas ciganas sejam assimiladas dentro dos países em que Roms, Sinti e Calons tenham se fixado. Antes de analisar as alternativas em curso, esta monografia apresenta capítulos sobre questões identitárias, históricas e culturais.

No capítulo 2, o conceito de identidade é apresentado segundo diferentes autores, que desconstruem a idéia de que exista uma identidade imutável e fixa. Para esses pesquisadores, a construção da identidade é um processo sem fim e é justamente na possibilidade de mudança existente no momento em que ela não é mais sedutora no confronto com outras identidades que reside sua importância. Essas proposições teóricas são relacionadas com a dificuldade / impossibilidade de definir a *ciganidade*, isto é, a identidade cigana, a partir da qual seria possível distinguir ciganos de não-ciganos.

Ainda no capítulo 2, são apresentados os conceitos de comunidade e etnicidade, também relacionados a uma comunidade étnica cigana. Esses conceitos também são fluidos, como será visto, mas, eles servem para, no plano do discurso, criar uma idéia de unidade, que pode ser classificada como uma solidariedade fabricada. Esta fabricação acontece para possibilitar a união de segmentos sociais minoritários, já que estes encontram dificuldades de se mobilizar por meio de linhas formais de ação política.

A necessidade e a premência dessa união podem ser entendidas quando se analisa a história de Roms, Sinti e Calons, marcada pela perseguição e extermínio, tema do terceiro capítulo desta monografia. De forma resumida, são abordadas as principais teorias e evidências sobre a origem dos chamados ciganos, a mais aceita das quais é a de que tenham saído da Índia, por volta do século X, e iniciado sua dispersão.

Neste capítulo também são apresentados os principais pontos da história dos ciganos no Brasil, desde a chegada de João de Torres, primeiro cigano a pisar em terras nacionais – ao menos, segundo documentos -, em 1574, até os dias atuais, quando o movimento cigano dá seus primeiros passos – evidenciados, por exemplo, pela criação, em

---

<sup>5</sup> FONSECA, 2004: 103

2006, por meio de decreto presidencial, do Dia Nacional dos Ciganos, comemorado em 24 de maio.

Ao longo da história, no Brasil e no mundo, Roms, Sinti e Calons sofreram com os estigmas, que motivaram, por exemplo, o extermínio de mais de 250 mil ciganos durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda, nos dias de hoje, eles são vítimas de perseguição. Basta acompanhar o noticiário recente sobre as manifestações de xenofobia contra ciganos na Itália, obrigando-os, a mais uma vez, se dispersarem. Uma organização não-governamental calcula que no último ano, o número de ciganos na Itália tenha sido reduzido à metade.

Tudo isso só reforça a necessidade de criação de um sistema simbólico que fundamente uma identidade étnica cigana e, consubstancie, assim, a solidariedade entre Roms, Sinti e Calons, assunto abordado no quarto capítulo. Não é à toa, portanto, que os ciganos têm feito esforços nesse sentido. Um dos momentos decisivos desse movimento foi a criação de uma bandeira e de um hino ciganos, instituídos em 1971, durante o “I Congresso Mundial Romani”, organizado pelo Comitê Cigano Internacional, em Londres.

Neste capítulo serão abordados, ainda, outros aspectos das culturas ciganas, dito dessa forma, no plural, por não existir uma cultura única, padronizada, entre povos tão diferentes. De modo mais específico, serão abordados também elementos culturais dos Calons, maior grupo cigano no Brasil.

Mas, como ainda saem perdendo na luta simbólica com as classes dominantes, os ciganos continuam a ser vítimas de preconceito. No quarto capítulo também serão abordadas, assim, as origens das imagens anti-ciganas, isto é, de mitos como o de que são ‘ladrões de criancinhas’, trapaceiros e interesseiros.

Finalmente, o quinto capítulo dedica-se às análises midiáticas - tanto da representação dos ciganos pelas mídias tradicionais, como das mídias criada por ciganos, ou supostos ciganos. Na primeira parte são analisados os principais problemas na cobertura da mídia sobre os ciganos. Ainda que nos dias atuais, a grande imprensa brasileira não exponha pontos de vista preconceituosos, de forma explícita, certas formas de abordagem não deixam esconder que esses preconceitos ainda persistem. Ao se privilegiarem determinadas informações em detrimento de outras, revelam-se escolhas que não são jamais casuais, revelando a intenção discursiva de seu autor.

Na segunda parte do capítulo sobre mídia, são analisados os meios de informação e comunicação criados por ciganos para ciganos ou para não-ciganos, e que, de alguma forma, abordam assuntos relacionados às comunidades ciganas – história, cultura,

identidade e situação atual. Como será visto, os ciganos europeus estão muito à frente dos brasileiros no que diz respeito ao domínio das ferramentas que lhes permitem dar a sua própria versão dos fatos. Não existe nenhum veículo que possa ser considerado comunitário no país. Contudo, na Internet, existem alguns sites que se propõem a revelar a “verdade” sobre os ciganos, isto é, Roms, Sinti e Calons brasileiros começam a se mobilizar no sentido de apresentar sua própria versão sobre eles mesmos, lutar contra o preconceito e unir a comunidade cigana. Mas, em meio a boas iniciativas, estão (muitos) sites de supostos ciganos que parecem mais interessados em ganhar dinheiro com atividades ‘esotéricas’, e que, por uma abordagem leviana sobre o povo do qual afirmam fazer parte, acabam contribuindo para perpetuar ainda mais estigmas e preconceitos.

## 2. IDENTIDADE

„Ser cigano é despertar no arrebol  
É cavalgar na planície e no monte  
É perseguir seu ideal, o sol,  
Que renasce a cada dia no horizonte.

Ser cigano é viver com emoção,  
Cada minuto do seu dia e da vida,  
É ter gravado no seu coração,  
A terna imagem da mulher querida.

Ser cigano é bailar na alegria,  
Chorar na hora da compaixão,  
Ser cigano é vida, é fantasia,  
Ser cigano é amar sua nação.

Nação cigana que sempre irá consigo.  
Sua língua, seus costumes, sua lei.  
Ser cigano é ser bom, é ser amigo,  
Ser cigano de verdade é ser um rei.<sup>6</sup>

Quando se pensa em ciganos, qual imagem habitualmente vem à mente? Certamente, na maior parte das vezes, a de pessoas com roupas coloridas, cheias de jóias, talvez com dentes de ouro. Possivelmente se visualize também as ciganas como aquelas mulheres que lêem a sorte na palma da mão ou em algum tipo de baralho. Mas será que todos os ciganos são realmente assim?

O que define o “ser cigano”, ou melhor, a ciganidade? Trata-se de uma questão introdutória para esta monografia, mas cuja resposta, por sua complexidade, cabe, por si só, em uma longa tese de doutorado. A seguir, são traçadas algumas considerações gerais sobre o assunto, nas quais se tentou fundir abordagens teóricas sobre identidade étnica e exemplos práticos da vida dos chamados ciganos.

### 2.1. Roms, Sinti e Calons: os assim chamados ciganos

No século XV, surge na Europa um povo cuja origem se pensava ser o Egito (aspecto a ser melhor abordado no próximo capítulo desta monografia), fazendo com que passassem a ser chamados “egípcios” ou “egitanos”, ou *gypsy* (inglês), *egyptier* (holandês), *gitan* (francês), *gitano* (espanhol), etc. Mas outros grupos se apresentaram

---

<sup>6</sup>MOSTARO *apud* FERNANDES. Disponível em:  
[http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a\\_pdf/zarco\\_jk\\_cigano.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/zarco_jk_cigano.pdf). Acesso em 15/08/2008.

também como gregos e *atsinganos*, o que os tornaram conhecidos como *greçianos* (espanhol antigo), *tsíganes* (francês), *ciganos* (português) e *zingaros* (italiano).<sup>7</sup>

O primeiro registro do termo em português aparece em “A farsa das ciganas”, de Gil Vicente, provavelmente em 1521<sup>8</sup>. Desde então, a palavra “cigano” é utilizada como insulto. Os estigmas eram reproduzidos, até bem pouco tempo atrás, inclusive por dicionários. O Aurélio, por exemplo, colocava a palavra “cigano” como sinônimo de trapaceiro até 1998.

Os próprios ciganos, contudo, costuma se autodenominar de outras formas, de acordo com os subgrupos dos quais façam parte. Nas últimas décadas, pesquisadores, ciganos e não-ciganos, consagraram a distinção dos ciganos em três grandes grupos, chamados de clãs pelos ciganos<sup>9</sup>:

1. Os Rom, ou Roma, que falam a língua *romani*. São predominantes nos países balcânicos, mas a partir do Século XIX migraram também para outros países europeus e para as Américas. São demograficamente majoritários e estão distribuídos por um número maior de países. São divididos em vários subgrupos, como os Kalderash, Matchuaia, Lovara, Curara, entre outros.

2. Os Sintí, que falam a língua *sintó* e são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch;

3. Os Calon ou Kalé, que falam a língua *calo* e vivem principalmente em Portugal e na Espanha, onde são mais conhecidos como “Gitanos”, apesar de terem se espalhado por outros países da Europa, além de deportados ou migrado, inclusive para a América do Sul. Estudiosos afirmam que o Brasil tem a maior população Calon do mundo.

Entre cada subgrupo desses, cujos nomes muitas vezes derivam de antigas profissões (por exemplo, Kalderash, de caldeireiros e Ursari, de domadores de ursos) ou da procedência geográfica (Moldovaia, Piemontesi), há diversas particularidades culturais, lingüísticas, sociais e econômicas. As diferenças chegam a ser tão grandes, que, por vezes, fica difícil entender o porquê de estarem sob o mesmo imenso “guarda-chuva” chamado “cigano”.

Ao longo de séculos de dispersão e nomadismo, as diversas comunidades ciganas sofreram contatos interétnicos e adaptações às condições espaço-temporais, fazendo com

---

<sup>7</sup> MOONEN, 2008a: 7

<sup>8</sup> TEIXEIRA, 2008: 4

<sup>9</sup> MOONEN, 2000. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos01.html>. Acessado em 29 de outubro de 2008.

que alguns aspectos da identidade cigana sejam compartilhados por todos os ciganos, outros sejam particulares de cada subgrupo e, ainda, outros selecionados pelo indivíduo num leque de opções.

Mas, quando se fala em ciganos, as generalizações são freqüentes. Talvez, a principal delas é a que lhes atribui uma única língua, o romani. Na realidade, contudo, não existe um romani padronizado: somente na Europa, segundo Fraser<sup>10</sup>, existiriam pelo menos 60 dialetos diferentes. Em função disso, Moonen<sup>11</sup> afirma que uma comunicação cigana internacional, hoje, é praticamente impossível, pois as variações regionais do romani seriam tão grandes, que poderiam ser comparadas às diferenças entre francês, italiano e espanhol, por exemplo. Apesar de todos estes idiomas serem de origem latina, o que faz com que algumas palavras sejam parecidas entre eles, uma comunicação verbal entre falantes de cada um desses idiomas também é praticamente impossível.

Outra característica que se costuma atribuir aos ciganos como traço definidor de sua identidade é o nomadismo. O dicionário, inclusive, reproduz tal versão, conforme a definição de “cigano” no Houaiss, edição 2003: “indivíduo de um povo nômade de origem hindu, com talento para a música e magia”. No entanto, diferentes estudiosos afirmam que hoje grande parte dos ciganos, se não a maior parte, é sedentária. Como tudo relacionado aos ciganos, não é possível precisar exatamente qual a proporção de nômades e sedentários, mas, segundo o presidente do Centro de Cultura Cigana, Zarco Fernandes<sup>12</sup>, apenas 40% da população cigana ainda é nômade. O representante cigano esclarece, ainda, que o melhor seria classificar os ciganos em três categorias: nômades, seminômades e sedentários. No Brasil, segundo ele, apenas 4% dos ciganos seriam nômades, 21% seminômades e outros 75%, sedentários.

Segundo Fernandes, não se pode nem mesmo dizer que a origem dos ciganos foi nômade: “O nomadismo nos foi imposto por invasões constantes à Índia, sistemas de castas, guerras, etc.<sup>13</sup>”. Contudo, ele acredita que a questão do nomadismo, de forma subjetiva, representa um pouco do que se pode chamar de “espírito cigano”. No livro “Gypsies and Travellers”<sup>14</sup>, J.P. Liegeois afirma: “Enquanto uma pessoa sedentária

---

<sup>10</sup> FRASER *apud* MOONEN, 2008a: 10

<sup>11</sup> MOONEN, 2008a: 10

<sup>12</sup> Em entrevista, concedida por e-mail, em 25/09/2008.

<sup>13</sup> Em entrevista, concedida por e-mail, em 25/09/2008.

<sup>14</sup> LIEGEOIS *apud* MOONEN. Disponível em

<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos01.html>. Acessado em 29 de outubro de 2008.

permanece sedentária, mesmo quando viaja, o viajante ou cigano é um nômade mesmo quando não viaja... O nomadismo é mais um estado mental do que uma situação real”.

Existem, ainda, muitos outros exemplos de generalizações sobre o que se quer chamar de “cultura cigana”. Assim é o caso do *Kris Romani*, uma espécie de tribunal, comumente apresentado como algo tipicamente cigano, mas que, na verdade, é um elemento cultural apenas dos Kalderash, baseado em algo que já existia na sociedade rural romena. Aliás, muitas das generalizações sobre os ciganos são feitas a partir de aspectos existentes apenas entre os Kalderash, como o caso do *marimé*, as idéias sobre pureza/impureza, que na realidade são de origem árabe e turca, e a *pomana*, o ritual funerário, de origem romena. Estes aspectos culturais serão analisados de forma mais aprofundada em outro capítulo desta monografia.

Será então, que, pelo menos no vestuário, os ciganos apresentam alguma uniformidade? Segundo estudiosos e pesquisadores, também não. De acordo com Moonen<sup>15</sup>, ao que tudo indica, os homens ciganos nunca tiveram uma roupa típica, a não ser no meio artístico. Em relação às mulheres, muitas delas usam saias longas, além de jóias de ouro e prata, mas tantas outras não o fazem. Até porque tudo isso custa caro e muitos ciganos vivem em condições financeiras bastante precárias. A verdade é que a roupa dita cigana, na maior parte das vezes não passa de uma fantasia quase carnavalesca, muitas vezes usada pelos próprios ciganos em apresentações de dança e música para não “decepcionar” o público, que espera que eles estejam vestidos de uma determinada forma.

Assim sendo, levando-se em conta a diversidade de situações em que os ciganos se encontram, o pesquisador Rodrigo Côrrea Teixeira afirma que a história dos ciganos é a história de um “mosaico étnico”, feita de muitas exceções, impossibilidades, contradições e incongruências. Por isso, ele defende que todos aqueles que se propõem a estudar os ciganos devem desmontar da mente a imagem de um cigano típico:

No domínio dos ciganos, não existem senão múltiplas identidades. Daí que o termo cigano não designa as comunidades por nomes que elas próprias dão para si. Ele designa, isto sim, uma abstrata imbricação de comunidades ciganas. A diferença é muito grande, pois, na realidade, não existem ciganos, mas sim diversas comunidades (historicamente diferenciadas) chamadas de ciganas, mantendo relações de semelhança e/ou diferença umas com as outras.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> MOONEN, 2008a: 13

<sup>16</sup> TEIXEIRA, 2008: 6



Essas diferenças não se limitam ao campo cultural: estão presentes também nos campos social e econômico. Para se ter uma idéia: em “La communauté gitane en Espagne”, J. M. Garcia distingue, em 1993, quatro categorias sociais bem distintas entre os ciganos da Espanha, que deveriam ultrapassar um total de 400 mil pessoas -cerca de 1,1% da população nacional. De forma resumida, tais grupos seriam: uma pequena elite com alto nível de instrução (diplomas e carreiras universitárias), geralmente indivíduos de famílias “integradas” que têm empregos assalariados; um grupo numericamente maior que o anterior, mais ainda minoria entre os ciganos, de “tradicionalistas” geralmente bem sucedidos, que exercem profissões tradicionais (comerciantes, artistas), casam-se entre si e gozam de prestígio entre outros ciganos; um grupo desestruturado e marginal, o segundo em importância numérica, cujos membros vivem em favelas, sem emprego fixo, dependentes de assistência pública, algumas vezes ligados à mendicância e a práticas ilegais; o grupo maior, formado por ciganos em mutação, que vivem em periferias, muitos misturados com não-ciganos (*gadje*), ligados a atividades econômicas em declínio (comércio ambulante, ferro-velho), muitas vezes dependendo de assistência social.<sup>17</sup>

## 2.2. Identidade étnica: solidariedade fabricada

Diante de tantas diferenças, como definir, então, a ciganidade? A dificuldade em responder tal questão também se apresenta, de algum modo, em relação aos índios: quantas tribos não existem, cada uma com um modo de vida, língua, vestuário, etc.? Mas o conceito de tribo não pode ser utilizado em relação aos grupos ciganos, pois a idéia de tribo implica em uma comunidade isolada portadora de uma determinada cultura. O melhor conceito quando se abordam comunidades ciganas é, de alguma forma, oposto ao de ‘tribo’: trata-se de ‘etnia’.

Isto porque a idéia de ‘etnia’ baseia-se em uma experiência de contato intercultural, no qual há um processo de interação que tem como princípio elementar a oposição entre grupos organizacionalmente diferentes. Essa oposição se dá, necessariamente, conforme Roberto Cardoso de Oliveira<sup>18</sup>, entre uma identidade majoritária, associada a grupos dominantes geralmente instalados nos aparelhos de Estado, e uma identidade de caráter minoritário.

---

<sup>17</sup> MOONEN, 2008a: 11-12

<sup>18</sup> CARDOSO DE OLIVEIRA *apud* FAZITO, 2000: 21

Assim sendo, é possível entender a identidade étnica como uma “representação coletiva” de um determinado grupo inserido numa situação de contato.<sup>19</sup> Lembrando que os ciganos vivem espalhados pelos cinco continentes, formando uma nação sem território, não se pode, portanto, classificá-los em tribos, mas, sim, como pertencentes a uma etnia.

Segundo Fredrik Barthes<sup>20</sup>, o aspecto fundamental para a formação e definição de um grupo étnico é a identificação, pelos próprios membros deste grupo e pelos “outros”, como eles sendo pertencentes a uma determinada categoria de interação. Ou seja, a identidade étnica é resultado de um processo dicotômico desenvolvido na situação de contato intercultural, que apresenta um aspecto subjetivo, ou de auto-identificação, e de um outro objetivo, expresso na categorização feita pelos outros, ou seja, na rotulação ou classificação segundo estereótipos.

Essas concepções significam, na prática, que é cigano todo aquele que é assim classificado pelos grupos ciganos e pelos não-ciganos. Contudo, no mundo todo, mas especialmente no Brasil, há rivalidade e brigas entre ciganos de grupos diferentes, que não se reconhecem mutuamente como ciganos. Para se ter uma idéia da confusão: muitos ciganos afirmam que é fundamental ser filho de cigano para ser cigano, isto é, a “cultura cigana” (apesar de não existir uma cultura padronizada, única, como já visto) seria patriarcal, o que significa que se um homem cigano casar com uma mulher cigana, seus filhos ainda serão ciganos, mas se uma cigana tiver filhos com um não-cigano, estes não serão mais ciganos.

Pois bem: a auto-proclamada “rainha dos ciganos” no Brasil, Mirian Stanesecon, que em setembro de 2008 foi empossada representante dos ciganos no Brasil pelo Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CNPIR, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidente da República, tem sua ciganidade negada por outros representantes ciganos, como Mio Vacite (presidente da União Cigana do Brasil - UCB) e Claudio Iovanovitchi (presidente da Associação de Preservação da Cultura Cigana - Apreci), que afirmam que ela é filha de um libanês não-cigano. Ao que parece, contudo, tais “regras” de ciganidade por eles mesmos proclamadas atendem mais ao sabor das conveniências.

O mesmo Mio Vacite, também cantor e fundador do grupo “Encanto Cigano” revelou<sup>21</sup> que “tornou cigano” o hoje conhecido cantor de música cigana Alexandre Flores,

---

<sup>19</sup> FAZITO, 2000: 20-21

<sup>20</sup> BARTH *apud* FAZITO, 2000: 23

<sup>21</sup> Em entrevista à autora desta monografia, em 7/09/2008

quando este ainda era um jovem *gadjon* (não-cigano em romani) integrante de uma banda de heavy metal. Talentoso, Flores ingressou no grupo do qual fazia parte Ricardo Vacite, seu amigo, filho de Mio, e, vestindo ‘roupas ciganas’, foi apresentando a todos como também sendo cigano. Depois de ser retirado do grupo, o jovem cantor ‘procurou abrigo’ nas saias de Mirian e hoje faz tanto sucesso quanto o grupo que o ‘tornou cigano’, que agora nega sua ciganidade.

Ironias à parte, seria possível ‘tornar-se cigano’? O antropólogo Frans Moonen tem uma boa resposta:

Você pode comparar com a questão da nacionalidade: não basta alguém dizer “eu sou brasileiro”. A nacionalidade brasileira é obtida através do nascimento em território brasileiro (e da mesma forma é considerado cigano quem nasce numa família cigana, quando ambos os pais tradicionalmente são considerados ciganos – o que não é o caso da Mirian e menos ainda de suas filhas e filhos). Mas um estrangeiro também pode obter a nacionalidade, como eu nascido na Holanda obtive na década de 70. Pedi a nacionalidade brasileira e uns meses depois um Decreto me declarou “brasileiro naturalizado”, uma categoria diferente dos “brasileiros natos”, mas mesmo assim “brasileiro”. Da mesma forma, também um não-cigano, em determinadas circunstâncias, pode virar “cigano legítimo”: basta ele se autoconsiderar cigano e ser considerado cigano pela comunidade cigana na qual vive. Em Sousa, na Paraíba, o principal “chefe” cigano é o velho Vicente, um não cigano nascido em Sousa, que casou com a filha de um antigo chefe cigano, e depois sempre conviveu com os ciganos, e como cigano, e depois sucedeu ao sogro. Ele seria algo como um “cigano naturalizado”, ou “ciganalizado”. Só que eu tenho hoje uma carteira de identidade brasileira; e ainda não inventaram uma carteira de identidade cigana. Portanto, também não é verdade, como muitos ciganos dizem, que só pode ser considerado cigano quem “nasceu” cigano, o chamado “cigano de sangue”; também um não-cigano pode tornar-se cigano.<sup>22</sup>

Tal elasticidade na definição do “ser cigano” em nada se contradiz com o conceito de etnicidade, pois as fronteiras e identidades étnicas, “antes de serem estáticas ou reificadoras de um processo de interação, são manipuladas cotidianamente pelos indivíduos e grupos de acordo com o tipo de organização de suas experiências”, segundo Dimitri Fazito, autor da dissertação “Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do *Romanesthàn* (Nação Cigana)”.<sup>23</sup>

O próprio conceito de ‘identidade’, entendido como subjetividade homogênea e imutável, é desconstruído por diversos estudiosos. Analisando a questão, Sodré<sup>24</sup> recorre a Lacan para defender a idéia de que inexistiria uma unidade estável tal como a origem do

---

<sup>22</sup> Em entrevista à autora desta monografia, via e-mail, em 9/09/2008

<sup>23</sup> FAZITO, 2000: 24

<sup>24</sup> CABRAL, 1999: 33-41

termo sugeriria - versão latina do grego *tó autó*, “o mesmo”, que resulta no latim escolástico em *identitas*, isto é, a permanência do objeto, único e idêntico a si mesmo apesar das pressões de transformação interna e externa. Dessa forma, o sujeito seria pura relação diferencial e não algo *em-sí* ou *si-mesmo*. Como consequência,

a identidade pessoal, teologicamente definida por uma subjetividade homogênea e pela permanência individual, dá hoje lugar a identificações movediças (grupais, afetivas, mediáticas), suscetíveis de pôr em crise figuras das doutrinas identitárias tradicionais, como classe, função e gênero.<sup>25</sup>

Para Stuart Hall<sup>26</sup>, a idéia de identidade como algo plenamente unificado, completo, seguro e coerente é uma fantasia. Segundo ele, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, ou seja, a identidade é definida historicamente, e não biologicamente. Assim “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortada ‘narrativa do eu’ coerente”. Ainda de acordo com o pesquisador, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, mais as pessoas são confrontadas por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais podem se identificar – ao menos temporariamente.

De acordo com Fazito<sup>27</sup>, a identidade étnica, então, serve para fundamentar a solidariedade do grupo a partir do momento em que atributos e valores sociais passam a ser reconhecidos e assimilados coletivamente. O pesquisador recorre à antropóloga Sylvia Caiuby, que sugere:

(...) a identidade só pode ser evocada no plano do discurso e surge como recurso para criação de um *nós coletivo*. Este nós se refere a uma identidade (igualdade) que efetivamente nunca se verifica, mas que é um recurso indispensável ao nosso sistema de representações.<sup>28</sup>

Essa solidariedade “fabricada” se encontra particularizada no interior de um processo intenso de negação, que emerge de uma situação adversa onde a diferença e o dissenso cumprem papel fundamental, ou seja, ela surge também a partir de experiências marcadas pela exclusão, pela diferença e pelo conflito.

---

<sup>25</sup> CABRAL, 1999: 33

<sup>26</sup> HALL, 1992: 13

<sup>27</sup> FAZITO, 2000: 27

<sup>28</sup> CAIUBY NOVAES *apud* FAZITO, 2000: 27

Neste contexto, para que possa “cumprir sua promessa”, como aponta Bauman, a construção da identidade é um processo sem fim e para sempre incompleto. De acordo com o sociólogo,

a facilidade de desfazer-se de uma identidade no momento em que ela deixa de ser satisfatória, ou deixa de ser atraente pela competição com outras identidades mais sedutoras, é muito mais importante do que o ‘realismo’ da identidade buscada ou momentaneamente apropriada.<sup>29</sup>

Segundo Bauman, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção das identidades levariam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, “pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia e outros indivíduos também assustados”<sup>30</sup>. Os cabides seriam, de acordo com Bauman, as comunidades.

Para poder servir aos fins de emprestar parte de sua gravidade à identidade que confere ‘aprovação social’ e confirmar, pelo número, a propriedade da escolha, a comunidade deve ser tão fácil de decompor como foi fácil de construir. Deve permanecer flexível, afirma Bauman, para que possa mudar quando não se mostrar mais satisfatória.

No caso específico das comunidades étnicas, contudo, o sociólogo afirma que elas tendem a reter plenamente o caráter atributivo do pertencimento comunal, fundamental para a reprodução contínua da comunidade. A atribuição, no entanto, não seria questão de escolha: as pessoas seriam designadas como “minorias étnicas” sem que lhes fosse pedido consentimento para isso.

Sob essa rubrica, foram colocados todos aqueles que se chocassem com o projeto moderno de construção Estados-nações, que exigia culturas unificadas e homogêneas para legitimar a unificação política. Tal projeto abriu duas perspectivas para as comunidades étnicas, cujos resultados, em última análise, eram os mesmos: assimilar ou perecer, ou seja, a aniquilação da diferença ou a aniquilação do diferente.

Fica fácil entender, então, a “fabricação” de uma comunidade étnica cigana quando se estuda um pouco da história de Roms, Sintí e Calons, os chamados ciganos, que em comum têm uma trajetória marcada pela perseguição, preconceito e extermínio.

---

<sup>29</sup> BAUMAN, 2003: 61-62

<sup>30</sup> BAUMAN, 2003: 67

### 3. HISTÓRIA

A sobrevivência foi a realização mais duradoura, o grande evento, da história cigana. Quando se consideram as vicissitudes que eles (os ciganos) encontraram, porque a história a ser relatada agora será antes de tudo uma história daquilo que foi feito por outros para destruir a sua diversidade, deve-se concluir que a sua principal façanha foi a de ter sobrevivido.<sup>31</sup>

Como adverte o sociólogo Zygmunt Bauman<sup>32</sup>, ao contrário do mito que associa as comunidades a verdadeiras ilhas de “entendimento natural” ou a um “círculo aconchegante”, onde se pode depor as armas e parar de lutar, as comunidades de fato se pareceriam mais com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos de fora e freqüentemente assolada pela discórdia interna.

A imagem proposta por Bauman é perfeitamente aplicável aos ciganos, cujo ‘fogo amigo’ dificulta bastante a união contra o ‘inimigo’ – na verdade, os vários inimigos que os ciganos tiveram que enfrentar ao longo de toda sua história, como será visto a seguir.

#### 3.1. Origem e dispersão

Muitas são as dificuldades em se precisar o número de ciganos existentes atualmente e em obter informações confiáveis sobre sua origem, especialmente porque o idioma deles, o romani, não possui forma escrita (é um idioma ágrafo). Além da escassez de registros históricos, outro obstáculo contribui para ampliar o cenário de incertezas: os ciganos encontram-se espalhados pelo mundo, muitas vezes tendo que esconder a própria identidade para se protegerem da perseguição.

As estimativas sobre o número de ciganos, portanto, variam muito e estudiosos do tema afirmam que é impossível saber quantos deles vivem atualmente espalhados pelo mundo:

(...)todos estes números, no entanto, são mera fantasia, são apenas delírios psicodélicos, porque nenhum ciganólogo, e nenhuma organização cigana ou pró-cigana de qualquer parte do Mundo, e menos ainda a Unesco, tem autoridade alguma para divulgar estimativas populacionais ciganas seja de que país for, a não ser que estas estimativas sejam baseadas em dados confiáveis fornecidos por cientistas ou instituições de pesquisa daquele país.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> FRASER *apud* MOONEN, 2000. Disponível em:  
<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos>. Acesso em: 01 out. 2008.

<sup>32</sup> BAUMAN, 2003: 19

<sup>33</sup> TEIXEIRA, 2008: 8

Para se ter uma idéia da confusão acerca do tamanho da população cigana, basta observar as contradições em algumas das estatísticas já divulgadas por instituições, ciganólogos e imprensa, no quadro abaixo, organizado por Zarco Fernandes.<sup>34</sup> Os comentários são dele:

<b>ANO</b>	<b>FONTE</b>	<b>ESTIMATIVA</b>	<b>COMENTÁRIO</b>
1962	O N U	7,5 milhões	
1967	O N U	7,5 milhões	Deduzimos que, durante cinco anos não nasceu mais nenhum cigano. E olha que a média de filhos entre o nosso povo é de 4 a 6...
1975		8 milhões	
1985	Costa Pereira em “Povo Cigano”, página 31	“Podemos afirmar que hoje há cerca de 1.500.000 ciganos nômades, seminômades e sedentários, espalhados por todo o Brasil”. Isto sem nos referirmos aos que negam a sua ciganidade o que triplicaria este número”.	
2000	Revista Veja, 7 de junho, pág. 60	10 milhões	Diz o texto: “Dos 10 milhões de ciganos espalhados pelo mundo, 8,5 milhões vivem na Europa”. A fonte não apresenta números relativos a vários países. Contrariando inúmeros estudos sociais que insistem que “os ciganos tendem a desaparecer”, observamos que a população cigana desta vez aumentou.
2002	Revista Super Interessante, nº 176 (maio), página 72	“... Só na Europa há 12 milhões de romás”.	Contrariando a Revista Veja.

Apesar da ausência de informações mais precisas, é consenso entre estudiosos que a maior concentração de ciganos fica, hoje, na Europa Oriental, especialmente na Romênia, Bulgária, Espanha e Hungria. Mas, onde tudo começou? A tese mais aceita

<sup>34</sup> Enviado por e-mail pelo presidente do Centro de Cultura Cigana, Zarco Fernandes, em 25/09/2008. Este material fará parte de um site sobre ciganos que está sendo produzido por ele.

sobre a origem dos ciganos é a de que seus ancestrais são indianos e deixaram o país asiático na direção da Pérsia no século X. Segundo Isabel Fonseca, jornalista que percorreu durante quatro anos dezenas de comunidades ciganas no antigo bloco oriental antes de escrever “Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos”, o traçado da migração cigana pode ser comparado a uma espinha de peixe espalhada sobre o mapa da Europa. Mas, de forma simplificada, eles teriam partido da Pérsia em duas direções principais: para Armênia, Síria e Iraque numa direção, e na outra para a Grécia bizantina, os Bálcãs e, em seguida, Europa Central, até chegarem ao Novo Mundo.

Um dos principais elementos que legitimam a origem indiana dos ciganos é a análise lingüística, mas alguns paralelos culturais e sociais reforçam a aceitação da tese. O sistema de castas, por exemplo, seria reproduzido pelos ciganos, segundo Fonseca. Não apenas existiriam certos tipos de trabalho proibidos para o grupo ou somente para as mulheres, como também seria dada grande importância à maneira de realizar determinadas tarefas, em função de preocupações com a pureza ritual (*marimé*). Fonseca aponta outros indícios:

O ativista e historiador cigano Ian Hancock aponta o uso da escala musical indiana *bhairavi* entre os ciganos, e também um tipo de “música oral” conhecida como *bol*, que consiste em sílabas rítmicas que imitam o som das batidas do tambor. Na Hungria, uma forma de dança com bastões chamada em romani *rovliako khelipen* tem paralelos indianos (e é também semelhante à dança *morris*, britânica). O costume hindu de queimar os pertences dos mortos continua vigorando entre os ciganos da Europa Oriental; os ciganos britânicos ainda incendeiam a carroça de um ancião morto. (E há muito tempo, numa prática conhecida como *lustering* as viúvas eram queimadas – o que revela um óbvio paralelo com o *sati* indiano. O mecanismo tradicional para resolver disputas internas entre os ciganos orientais e ocidentais é o tribunal chamado *kris* (palavra que é grega), o qual pode ser identificado com o *panchayat* indiano, que tem quase a mesma forma e serve ao mesmo propósito. Na Índia, Shiva é reconhecido pelo tridente, ou *treshul*, que carrega. Os roma (ciganos) europeus contemporâneos usam essa palavra para indicar a cruz cristã. (...) Como na Índia, só determinados grupos podem sentar-se à mesa juntos sem risco de contaminação. (...) Igual ao costume indiano, os roma classificam as doenças em linhagens rituais.<sup>35</sup>

No entanto, mesmo essa teoria carece de provas. Como ressalva o ciganólogo Frans Moonen, em “Rom, Sinti e Calon: os assim chamados ciganos”<sup>36</sup>, semelhanças

---

<sup>35</sup> FONSECA, 2004: 101

<sup>36</sup> MOONEN, 2000: Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos>. Acesso em: 01 out. 2008.



lingüísticas podem significar apenas que os ciganos viveram por um longo tempo na Índia e elementos culturais podem ser transmitidos por via indireta, além de que hábitos culturais parecidos também podem ter origens independentes. Além disso, ele afirma que as idéias sobre pureza / impureza parecem existir apenas entre os ciganos Rom de origem balcânica, em especial entre os Kalderash.

Outra teoria menos aceita pelos estudiosos, mas que permanece no imaginário dos leigos, é a de que os ciganos vieram do Egito. Este rótulo fez com que eles fossem conhecidos como “egípcios” ou “egitanos”, ou gypsy (inglês), egypter (holandês), gitan (francês), gitano (espanhol) e assim por diante. De acordo com Moonen<sup>37</sup>, o mito surgiu no Século XV, quando os primeiros ciganos a chegarem na Europa Ocidental afirmavam que sua terra de origem era o “Pequeno Egito”, que era, então, a denominação de uma região da Grécia pela qual passaram durante o processo migratório.

Ao longo dos séculos, os ciganos têm sofrido com a perseguição, segregação e até extermínio, especialmente durante a Segunda Guerra, quando foram massacrados cerca de 250 a 500 mil ciganos, o que foi chamado de “poraimos ” por parte dos ciganos, fato bem menos lembrado e estudado que o holocausto de judeus.<sup>38</sup>

Esse esquecimento parece perpetuar-se entre os próprios ciganos, o que levou Isabel Fonseca a crer que o desconhecimento da própria história seria um atributo definidor da identidade cigana:

Não foram muitos os ciganos que encontrei interessados nesse assunto; para eles a história antiga consistia, quase sempre, na memória mais antiga da pessoa mais velha que vivesse no grupo. (...) Falassem ou não sobre identidade nacional e étnica, os ciganos da Europa Central estavam cercados de pessoas que pareciam não falar de outra coisa. E esse não-saber os distinguia, mesmo que não tivessem consciência disso. Acabei achando que era um atributo definidor da identidade cigana. Se não sabia dizer de onde vinha, você não era ninguém, e qualquer um podia afirmar qualquer coisa a seu respeito (...) Talvez as origens não importassem tanto assim. Com sua presença quase mítica, essa gente havia estado sempre ali, e sempre tivera de começar de novo, onde quer que se encontrasse. E chegar a qualquer ponto era sempre uma longa e dura jornada.<sup>39</sup>

E para quem acha que a perseguição é coisa superada e que se vive em um mundo mais pacífico e democrático, basta acompanhar o noticiário recente de manifestações de xenofobia na Itália.

---

<sup>37</sup> MOONEN, 2008a: 53

<sup>38</sup> MOONEN: 2008a: 53

<sup>39</sup> FONSECA, 2004: 103

Em maio de 2008, habitantes de Ponticelli, um pequena cidade próxima a Nápolis, organizaram uma incursão contra ciganos, a maioria de origem romena, alguns munidos de coquetéis molotov. Dois acampamentos ciganos, formados por barracas e casas rústicas, foram incendiados na cidade, como uma reação a uma suposta tentativa frustrada de seqüestros de um bebê por uma jovem cigana, fato este que sequer foi comprovado, mas mereceu a manchete de capa do jornal do chefe de governo Silvio Berlusconi, o “Il Giornale”.

No mês seguinte, o ministro do Interior, Roberto Maroni, membro do partido xenófobo Liga do Norte, determinou a realização de um censo dos ciganos que residem nos acampamentos, tanto de menores como de adultos, medida criticada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O prefeito de Roma, o ex-neofacista Gianni Alemanno, ordenou, ainda, que a polícia da capital esvaziasse um acampamento instalado no bairro popular de Testaccio, próximo do Centro. Seus 122 habitantes, todos italianos, foram levados para um bairro da periferia.

Tais medidas do governo fizeram com que milhares de ciganos participassem de protestos pacíficos contra a xenofobia. Em uma das manifestações, realizada em 8 de junho, os ciganos marcharam ao som de música tradicional e levando placas onde se podia ler “Não a xenofobia”, “os ciganos nunca foram a guerra” e “não a informação racista”.

A pressão fez o governo anunciar, em 16 de julho, que estenderia a coleta de impressões digitais, até então restrita apenas a população Rom, inclusive de menores de idade, a toda a população. No dia seguinte, a Cruz Vermelha começou o processo de identificação das dez mil pessoas que vivem em assentamentos ilegais em Roma. A entidade pediu documentos de identidade, tirou fotos e fez perguntas sobre a nacionalidade e possíveis doenças a cerca de 50 ciganos do assentamento de Corviale, na periferia de Roma. No entanto, ninguém teve sua digital tirada. Como o processo de identificação é voluntário, muitos moradores se isolaram quando a Cruz Vermelha chegou ao local e não foram identificados.

Mas não demorou muito para o governo italiano voltar a endurecer o combate aos Roms. Desde 4 de agosto, mais de 3 mil militares foram colocados nas ruas para combater imigrantes ilegais e ciganos.

A repressão estaria forçando uma debandada de ciganos da Itália, de acordo com reportagem publicada no jornal espanhol “El Pais”, reproduzida pelo Globo em 14 de setembro. Roberto Malini, da ONG Everyone, que trabalha com ciganos em Milão, calcula que o número de ciganos no país tenha sido reduzido à metade em pouco mais de um ano.

Em depoimento ao jornalista do El País, um cigano romeno de 29 anos, Nikole Vankuta, chefe de uma família de sete pessoas, teria dito: “Aqui não dá para ficar. Não há trabalho ou dinheiro. Temos problemas com a polícia o tempo todo.” Ao que tudo indica, a política repressiva do governo italiano parece estar cumprindo seus objetivos...

### **3.2. Ciganos no Brasil**

Assim como no resto do mundo, não há dados confiáveis sobre o número de ciganos no Brasil, nem informações exatas sobre sua distribuição geográfica no território nacional. Como destaca Moonen<sup>40</sup>, quando se fala em minorias étnicas no país, imediatamente se pensa nos povos indígenas. Sobre eles, há milhares de publicações e informações detalhadas e atualizadas de quase todos os povos indígenas. Existe um órgão governamental para tratar especificamente das questões indígenas, chamado Funai (Fundação Nacional do Índio).

Mas em relação aos ciganos, nem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelos censos demográficos oficiais, nem qualquer outra instituição de pesquisa demográfica ou Organização Não-Governamental (ONG), já fez um levantamento confiável e sistemático da população cigana.<sup>41</sup>

O movimento cigano dá seus primeiros passos no Brasil, mas ainda muito lentos se comparados à longa caminhada já trilhada por organizações ciganas européias. Para Mio Vacite, presidente da União Cigana do Brasil (UCB), a disparidade se dá porque em nosso país a discriminação e o preconceito seriam muito menores do que na Europa, em função de nossa miscigenação e de um maior misticismo do povo brasileiro.

Nos últimos anos, algumas políticas públicas têm refletido o início dessa caminhada rumo à valorização das minorias ciganas no Brasil, conforme o cronograma resumido abaixo:

1993 – A Lei Complementar 75, promulgada em 20 de maio, amplia a ação do Ministério Público Federal prevista na Constituição de 1988, que além de proteger e defender os interesses das comunidades indígenas, passa também a fazê-lo em relação a minorias étnicas, o que incluiria os ciganos.

---

<sup>40</sup> MOONEN, 2008a: 5

<sup>41</sup> MOONEN, 2008a: 136

1994 – A Coordenadoria de Defesa dos Direitos e Interesses das Populações Indígenas (CDDIPI), criada na procuradoria da República em 1988, é substituída, em 2 de abril, pela Câmara de Coordenação e Revisão dos Direitos das Comunidades Indígenas e Minorias, incluindo-se aí as comunidades quilombolas e as minorias ciganas.

2000 – O ciganólogo Frans Moonen e o rom-matchuwaia Cláudio Iovanovitch, da Associação para a Preservação da Cultura Cigana do Paraná (Apreci/PR), participam da V Conferência Nacional de Direitos Humanos, onde apresentaram propostas no Grupo de Trabalho 2, sobre “Preconceito, discriminação e exclusão”.

2002 – Algumas das propostas sobre ciganos apresentadas na V Conferência Nacional de Direitos Humanos foram incluídas no 2º Programa Nacional dos Direitos Humanos, instituído pelo Decreto nº 4.229, em 13 de maio.

2003 – Em 21 de março, é criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), cujo foco é declaradamente na população negra. Em 23 de maio, é criado o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPiR), como parte da estrutura básica da Seppir. Cláudio Iovanovitch é nomeado representante dos ciganos. Ainda em 2003, é criado o Grupo de Trabalho Interministerial Cigano (GTI), sob a coordenação Seppir.

2005 – Entre 30 de junho e 2 de julho é realizada a 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CONAPIR, composta por 12 eixos temáticos, dos quais quatro referem-se especificamente aos negros, um aos índios, mas nenhum deles abordam especialmente os ciganos. Ao todo, o relatório apresenta 1053 propostas, das quais 115 também se referem aos ciganos. Apenas 19 propostas apresentadas tratam especificamente de ciganos.

2006 – Em janeiro é criado o Grupo de Trabalho para as Culturas Ciganas, GT Cultural Cigano (GTC), coordenado pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), em parceria com os povos ciganos, com o objetivo de indicar políticas públicas para as expressões culturais dos povos ciganos.

O dia 24 de maio é instituído, por meio de decreto presidencial, como o Dia Nacional do Cigano.

Em agosto, a SID/MinC envia Carta Referendum aos prefeitos municipais do país solicitando a permissão de atividades artístico-sociais ciganas em espaços públicos, na qual expressa “o reconhecimento e a valorização, por parte do Governo Federal, do povo cigano, que pela diversidade, singularidade e riqueza de sua arte contribui de forma efetiva para a construção da identidade cultural brasileira”.

2007 – Em 24 de maio é criado o 1º Prêmio Culturas Ciganas, que daria R\$ 10 mil para 20 projetos que se destacassem na valorização da cultura cigana.

2008 – A Secretaria Especial dos Direitos Humanos lança, em março, a cartilha “Povo Cigano – o Direito em Suas Mãos”, considerada a primeira publicação a tratar dos direitos desta parcela da população no Brasil. O documento foi escrito pela advogada Mirian Stanescon, cigana do clã Kalderash, que, como já foi dita, se auto-intitula a “rainha dos ciganos”. Sua liderança é muito criticada por outros representantes dos povos ciganos e ciganólogos, que afirmam não existirem “reis” e “rainhas” entre os ciganos. O conteúdo e a formatação do documento também foram alvos de críticas. A presidente do Centro de Estudos e Resgate da Cultura Cigana (Cerci) de São Paulo, Yaskara Guelba, afirmou, em reportagem disponível no site do jornal Gazeta do Povo<sup>42</sup>, que a cartilha contém informações erradas sobre o povo cigano e que o layout da publicação possui desenhos que infantilizariam os ciganos. Além disso, o ciganólogo Frans Moonen lembrou, em artigo distribuído a pessoas interessadas em estudos sobre ciganos, que a própria Mirian afirma que 99% dos ciganos são analfabetos, o que tornaria a cartilha praticamente sem serventia.

A primeira edição do Prêmio Culturas Ciganas recebeu o nome de “João Torres”, em homenagem ao primeiro cigano que teria chegado ao Brasil, em 1574 (na verdade, o nome correto dele seria “João de Torres”). Naquele ano, ele e sua esposa, Angelina, foram presos em Portugal pelo simples fato de serem ciganos. João foi condenado às galés, enquanto sua mulher deveria deixar o país, levando os filhos. No entanto, alegando que era fraco e muito pobre, João pediu para sair do Reino ou, então, para ir para o Brasil para sempre. Seu pedido foi aceito - o que leva o historiador Rodrigo Teixeira<sup>43</sup> a crer que Torres de pobre não tinha nada e, na verdade, conseguiu o que queria por meio de suborno – e a pena foi mudada para cinco anos no Brasil, com a esposa e os filhos (número não mencionado nos documentos).

Por causa do registro, João de Torres é apontado como o primeiro cigano a chegar ao Brasil, mas não há sequer informações que comprovem se ele realmente embarcou para o país e quanto tempo aqui permaneceu.

A primeira lei a impor o degredo de ciganos das terras de Portugal só seria promulgada anos depois, em 28 de agosto de 1592, após o fracasso de sucessivas

---

<sup>42</sup> CABRAL, 2008. Disponível em <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaacidania/conteudo.phtml?tl=1&id=753951&tit=Ciganos-reclamam-de-cartilha>. Acessado em: 11 de outubro de 2008

<sup>43</sup> TEIXEIRA, 2008: 9

tentativas de integração forçada, aliada à necessidade dos colonizadores de povoar os territórios de além-mar. Ao que tudo indica, a partir de então, os ciganos eram degredados apenas para as colônias africanas. Ainda de acordo com Rodrigo Teixeira, a vinda maciça de ciganos para o Brasil aconteceria apenas depois de 1686, quando dois documentos portugueses daquele ano informam que os ciganos deveriam também ser deportados para o Maranhão.

A escolha da capitania do Maranhão atenderia a pelo menos dois objetivos: manter os ciganos afastados da mineração e agricultura, assim como dos principais portos da colônia, do Rio de Janeiro a Salvador, além da necessidade de ocupação de extensas áreas do sertão nordestino – ainda então ocupadas por índios.

No entanto, diversos outros documentos comprovam a presença de ciganos também em outras capitanias. Andréa Lisly Gonçalves<sup>44</sup> ressalta, por exemplo, a grande preocupação das autoridades em legislar continuamente sobre a necessidade de impor restrições, ou até mesmo, expulsar os ciganos de Minas na década de 1730, o que indicaria que sua presença na região não era numericamente insignificante.

Em 1726, há notícias de ciganos também em São Paulo, quando foram solicitadas medidas contra os que apareceram na cidade e que eram “prejudiciais a este povo porque andavam com jogos e outras mais perturbações”, pelo que tiveram que abandonar a cidade dentro de 24 horas, sob pena de serem presos. Um carta de 1761, do governador interino da Bahia, José Carvalho de Oeiras, menciona a existência de “alguns mil” ciganos na capitania, que deveriam ser presos por não cumprirem ordens da Corte.<sup>45</sup>

Andréa Gonçalves sustenta, contudo, que a política metropolitana em relação aos ciganos era ambígua. Segundo ela, não faltaram autoridades que buscaram uma política mais branda em relação ao grupo, como foi o caso do governador Gomes Freire de Andrade, que em 1737 recomendava que fossem presos somente os ciganos que cometessem delitos e deixados em paz aqueles que se mostrasse integrados à sociedade.

Para a historiadora, esta ambigüidade poderia ser atribuída ao papel que alguns ciganos vieram a desempenhar no tráfico interno de escravos no século XVIII. Além disso, muitos senhores de escravos não hesitavam em recorrer ao auxílio de ciganos para recuperar um cativo fugido de seus plantéis. Tal especialização no tráfico interno de cativos teria persistido, segundo a historiadora, ao longo do século XIX, sobretudo do porto do Rio de Janeiro para as províncias de Minas e São Paulo.

---

<sup>44</sup> GONÇALVES, 2006: 20-21

<sup>45</sup> MOONEN, 2008a: 126

Ao mesmo tempo, como mostra Elisa Maria Lopes da Costa<sup>46</sup>, muitas famílias ciganas passaram por situações difíceis no país em função da tentativa de fazê-los cumprir as regras coloniais, como em 1737, quando um grupo de ciganos foi perseguido em Pedras de Amolar, em Minas Gerais, durante a festa do Corpo de Deus. Por não terem aceitado a voz de prisão, as autoridades responderam matando dois homens e o filho de um deles, que tinha apenas três anos, além de prenderem quatro jovens, que tinham entre 12 e 14 anos, além de 11 mulheres ciganas.

Além disso, era freqüente o degredo de ciganos intercolônias, sob múltiplos pretextos e, até mesmo, entre capitânicas, ao que a historiadora cita Frans Moonen, que classifica a estratégia de a “velha política de ‘mantenha-nos em movimento’: Minas Gerais expulsa seus ciganos para São Paulo, que os expulsa para o Rio de Janeiro, que os expulsa para o Espírito Santo, que os expulsa para a Bahia, de onde são expulsos para Minas Gerais, etc”. Diante disso, Elisa conclui: “o melhor lugar para os ciganos era sempre o mais distante. Ontem como hoje...”

No entanto, alguns ciganos conseguiram conquistar certo respeito social, ainda que limitado, com atividades outras além do comércio de escravos. No século XIX, ciganos calons do bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro, garantiram seu lugar na sociedade carioca como oficiais de justiça, profissionais então conhecidos como meirinhos. Segundo Mirian Alves de Souza e Marco Antônio da Silva Mello<sup>47</sup>, o ofício se transformou mesmo em objeto de transmissão hereditária: podem ser identificadas linhas de descendência nas quais toda uma geração de filhos e netos trabalha no *métier*.

Apesar de esta ser uma posição menos valorizada dentro da hierarquia do Judiciário, foi de grande importância para os ciganos a terem ocupado por tratar-se de um ofício de fé pública, ou seja, que torna sua palavra presumidamente verdadeira. Portanto, é natural que tal fato tenha tido repercussão para um grupo constantemente posto sob suspeição.

Mello Moraes Filho também registrou a presença de ciganos em outras atividades: comerciantes de cavalos, ourives, ferreiros, latoeiros, além de ciganas envolvidas com atendimentos esotéricos.

As habilidades dos ciganos como músicos e dançarinos também foram exploradas, se não de forma profissional, ao menos de modo ocasional, para alegrarem aniversários, casamentos e outras festas da elite brasileiras daqueles tempos. Há alguns registros de

---

<sup>46</sup> COSTA, 2006: 16-19

<sup>47</sup> MELLO; SOUZA, 2006: 29-32

ciganos alegrando até festas reais. Em 1810, ciganos teriam se apresentando na festa de casamento de uma filha de D. João VI com o infante espanhol D. Pedro Carlos. E em 1818, no casamento entre D. Pedro I com a princesa D. Leopoldina, os ciganos foram novamente convidados para animar a festa.

Além dos ciganos Calons (de origem ibérica), também vieram para o Brasil, anos depois, ciganos Rom – que teriam imigrado, principalmente, a partir de meados do século XIX – e Sinti, que teriam vindo, num primeiro momento, junto com os colonos alemães e italianos no final do século XIX, e, posteriormente, durante e depois da II Guerra Mundial.

Há pouquíssimas informações quanto aos Sinti presentes no país, mas estudiosos em geral afirmam que eles são minoria em comparação com os demais ciganos no território nacional.

Já em relação ao Roms, sabe-se que vivem, em grande parte, no eixo Centro-Sul, ao contrário dos Calons, que se encontram espalhados pelo país. Os subgrupos Roms em maior número no Brasil seriam os *Kalderash*, os *Macwaia*, os *Rudari*, os *Horahané* e os *Lovara*.

Acredita-se que o maior número de roms tenha chegado mesmo ao Brasil no final do século XIX, juntamente com a primeira onda migratória de italianos, alemães, poloneses, russos e gregos, apesar da proibição do desembarque de ciganos em território brasileiro a partir da instalação da República.

O historiador Rodrigo Teixeira, destaca, contudo, que já na década de 1830 havia entrado em Minas Gerais ao menos uma família Rom, justamente a que anos depois gerou o futuro presidente da República, Juscelino Kubitschek. Seu bisavô, Jan Nepomusky Kubitschek, atendendo pela alcunha de João Alemão, veio da Boêmia, então parte do Império Austro-Húngaro, chegando ao Brasil entre 1830-1835, onde trabalhou como marceneiro no Serro e em Diamantina. Depois de casar-se com a brasileira Teresa de Jesus, ele teve, pelo menos, dois filhos. Um deles foi o comerciante Augusto Elias Kubitschek, designado como 1º suplente de subdelegado de polícia em 1889, pai de Júlia Kubitschek, mãe de JK (1902-1976).

Não há informações de que outros ciganos tenham chegado ao Brasil junto com Jan, mas seu casamento com uma brasileira pode ser indício de que veio sozinho, separado de seu grupo familiar originário.

A ciganidade do presidente mineiro será abordada em livro que está sendo finalizado pelo presidente do Centro de Cultura Cigana (CCC), Zarco Fernandes. Ele afirma ter vasto material comprovando a história, como, por exemplo, fotos de JK em



acampamentos ciganos e reportagens da época que informavam que “Jussa”, como seria conhecido entre os ciganos, teria sido padrinho de diversos batizados e casamentos ciganos.

O assunto ganhou repercussão em 1992, quando a Escola de Samba Unidos do Viradouro citou o presidente JK no enredo “E a magia da sorte chegou” (transcrição a seguir), composto por Heraldo Faria, Flavinho Machado e Gelson Rubinho, que homenageou os ciganos. Um trecho de uma reportagem da Revista Manchete daquele ano sobre a obra diz: “O enredo serviu para mostrar aos gajões (não ciganos) que o Brasil já teve um presidente da república cigano.”

Uma estrela brilhou  
Brilhou, brilhou, brilhou  
Tão cintilante que os magos iluminou  
Será o novo sol do amanhã?  
O arco-íris da aliança que não se apagará  
Vem do Oriente com sua arte de criar  
Na palma da mão lê a sorte com a magia do seu olhar

Chegando ao velho continente  
À marca da desilusão  
Castigo, degredo, açoite  
Por que tanta discriminação:

A cada passo, a poeira levanta do chão  
Ferreiro, feiticeiro, bandoleiro  
A liberdade é sua religião  
E vem chegando o dono desse chão  
No berço, a mão do menino  
Abriu-se ao destino, eis a nova Canaã  
Ê, ê, cigano, bandeirante em busca de cristais  
Canta, dança, representa  
Dá vida a nossos laços culturais

Cigano-rei, mineiro iluminado  
O mundo não vai esquecer  
Plantou no solo brasileiro  
A realização do amanhecer  
É uma nova era, ô, ô, a magia da sorte chegou

O sol brilhará, surge a estrela-guia  
E sob a proteção da lua  
Canta Viradouro, que a sorte é sua.

A origem cigana de JK é defendida não somente por ciganos brasileiros. O deputado cigano Juan de Dios Ramírez Heredia teria dito, num discurso recente no

Parlamento Europeu, que “o Brasil é o único país do mundo que pode orgulhar-se de ter tido um Presidente da República cigano: o mineiro Juscelino Kubitschek.”

No entanto, a ciganidade do presidente é negada pela filha adotiva de JK, Márcia Kubitschek, que proibiu que isso fosse citado na minissérie recente sobre a vida do estadista feita pela Rede Globo. Para diversos representantes ciganos, a censura teria apenas um único motivo: o persistente preconceito contra ciganos.

## 4. SISTEMAS SIMBÓLICOS

A necessidade de construção de uma identidade étnica cigana que fundamente uma solidariedade entre Roms, Sinti e Calons é facilmente justificada pela história de perseguição e extermínio a que foram submetidos - o que foi abordado de forma resumida no capítulo anterior. E para constituir-se, a etnicidade depende de um sistema simbólico que a fundamente, composto por símbolos como território, parentesco e religião.<sup>48</sup>

Tais sistemas simbólicos têm importância essencial para os grupos étnicos, já que estes encontram dificuldades em se organizar em linhas formais de ação política – Estado, mercado e sociedade civil. Por conta disso, eles articulam sua organização em linhas informais, fazendo uso das atividades simbólicas como rituais e cerimônias, que fazem parte daquilo que é conhecido como “estilo de vida”.

Neste capítulo serão abordadas as formas pelas quais os ciganos têm tentado compor um quadro simbólico que os una em torno de uma identidade comum, traços culturais considerados fundamentais nas muitas culturas ciganas e as consequências de Roms, Sinti e Calons ainda saírem perdendo na luta simbólica com as classes dominantes – o preconceito e suas origens.

### 4.1. As muitas culturas ciganas

(...) a cultura é um vazio positivo, uma *idéia* de unidade, mas *idéia* forte o bastante para levar à *invenção* tanto de representações de identidade quanto de alteridade. Na prática, o que experimentamos de uma cultura é a variedade de repertórios, onde se embatem simbolizações, hábitos e enunciados. Mas, por meio dela, as identidades podem ser reconhecidas.<sup>49</sup>

O conceito de cultura já teve dezenas de definições. Nesta monografia, o termo é usado segundo seu sentido antropológico: conjunto de códigos que permitem a comunicação entre os homens, bem universal, de impossível quantificação, presente em toda a sociedade e grupo social. Os homens se comunicam através de símbolos socialmente programados e transmitidos, que são passíveis de transformação. Do mesmo modo, se comportam de acordo com símbolos estabelecidos pela cultura, o que faz dos homens seres culturalmente determinados.

---

<sup>48</sup> COHEN *apud* FAZITO, 2000: 29

<sup>49</sup> CABRAL, 1999: 47

Assim, a cultura aqui não é entendida pelo sentido dado no senso comum, que lhe atribui a condição de repositária estática de hábitos e costumes, mas como o próprio elemento através do qual a vida se processa – a simbolização. Como destaca Roberto da Matta<sup>50</sup>, “cultura é um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.”

Segundo ele, é justamente por compartilharem de parcelas importantes deste código - a cultura - que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade.

Por isso, foi de grande importância a criação de uma bandeira e de um hino ciganos, hoje reconhecidos pelas comunidades Roms, Sinti e Calons no mundo inteiro. O momento decisivo na luta para estabelecer uma identidade entre Roms, Sinti e Calons por meio da constituição de um sistema simbólico comum a todos foi a realização do “I Congresso Mundial Romani”, em 1971, organizado pelo Comitê Cigano Internacional, em Londres. No encontro, do qual participaram delegados de 14 países - e que contou, ainda, com a colaboração do governo da Índia e do Conselho Mundial de Igrejas -, foram aprovados uma bandeira cigana (abaixo) e um hino internacional, “*Dgelem Dgelem*” (em português, “Caminhei, Caminhei”), transcrito a seguir:

Caminhei, caminhei longas estradas  
Encontrei-me com romá (ciganos) de sorte  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
Obrigado rapazes ciganos  
Pela festa louvor que me dão  
Eu também tive mulher e filhos bonitos  
Mataram minha família  
Os soldados de uniforme preto  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
Cortaram meu coração  
Destruíram meu mundo  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
Pra cima Romá (Ciganos)  
Avante vamos abrir novos caminhos  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos!!!<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> MATTA, 1986: 123

<sup>51</sup> Dgelem, Dgelem lungone dromentsa/ Maladjilem bhartalé romentsa/ Ai, ai, romale, ai shavalê (bis) / Naís tumengue shavale / Patshiv dan man romale / Ai, ai, romale, ai shavalê (bis) / Vi mande sas romni ay shukar shavê / Mudarde mura família / Lê katany ande kale / Ai, ai, romale, ai shavalê (bis) / Shinde muro ilô / Pagerde mury luma / Ai, ai, romale, ai shavalê (bis) / Opré Romá / Aven putras nevo dromoro / Ai, ai, romale, ai shavalê (bis)

A bandeira (abaixo) representa os ideais do lema cigano: “O Céu é meu teto, a Terra é minha pátria e a Liberdade é minha religião”. O azul na parte superior da bandeira representa o Céu; o verde, a Terra; e o círculo raiado (12 raios), ao centro, um símbolo geométrico também adotado na bandeira indiana, conhecido como “*Ashok Chakrā*”, representa a liberdade, pois faz alusão a uma roda das carroças ciganas, utilizadas pelos nômades em seus constantes deslocamentos.



Apesar de esses símbolos serem reconhecidos por todos os sub-grupos ciganos, os elementos da cultura de Roms, Sinti e Calons, apresentam, na verdade, grande variação. Ciente dessa diversidade, Asséde Paiva<sup>52</sup> destacou alguns pontos que considera importantes nas culturas ciganas – fazendo, claro, a ressalva de que um grupo cigano pode ou não apresentar todos os costumes citados ou apresentar diferenças.

O primeiro desses pontos seria o idioma Romani, que derivou do sânscrito e, ao longo dos séculos, foi sofrendo modificações e contribuições das línguas dos países por onde os ciganos passaram – fazendo com que surgissem, na verdade, centenas de dialetos, muitos dos quais com grandes diferenças entre si, como visto anteriormente. O romani é um idioma ágrafo, o que, segundo Paiva, evitaria sua absorção por parte dos povos com os quais os ciganos convivem e, assim, garantiriam sua união. Este ponto, contudo, é de grande polêmica entre lideranças ciganas e ciganólogos.

O segundo elemento destacado por Paiva é o nomadismo, que, segundo ele, permaneceria na alma e na psique dos ciganos: “o cigano, ainda que dentro de quatro

---

<sup>52</sup>Disponível em <http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos,tziganos,gitanos,boêmios.doc>.  
Acesso em: 27/11/2008

paredes, se sente nômade”<sup>53</sup>, afirma, admitindo, contudo, que a maioria deles já não leva mais vida nômade. O ponto seguinte é a liberdade, da qual os ciganos não abdicariam em razão de nada. Por conta desse valor, Paiva afirma que os ciganos não se curvam para outros valores considerados fundamentais por muitos não-ciganos, como a idéia de pátria.

Outro elemento seria o pacifismo, pois, conforme ressalta Paiva, “não se conhece, no mundo inteiro, na história da humanidade, um só exemplo de ciganos que tenham pegado em armas contra outros povos”<sup>54</sup>.

Ele considera também como elementos fundamentais para os ciganos a dança e a música. Há uma grande variedade de tipos de dança – do lenço, do punhal, da fogueira, da rosa, etc. Conforme esclarece a cigana Jordana Aristicth<sup>55</sup>, essas variações dependem do país no qual os ciganos estão fixados. Por exemplo, na Rússia destaca-se a dança na qual se utilizam lenços coloridos; na Hungria, o uso do pandeiro, adornado de fitas coloridas; no Oriente, os movimentos dos quadris são o destaque, etc. O que há em comum entre elas, é o fato de serem consideradas formas de celebrar a vida, de se conectar com a natureza, de se ligar com o mundo espiritual, de expressar os sentimentos e emoções. Ainda sobre esse aspecto, Paiva destaca que, embora possam ser sensuais, as ciganas, em geral, são bastante pudicas, e não mostram as pernas ou a barriga durante a dança.

Outro elemento forte entre os ciganos, segundo Paiva, são as leis consuetudinárias – isto é, baseadas nos costumes, fazendo com que a palavra dos mais velhos seja muito respeitada. Em determinados momentos, como quando um cigano comete algum delito, é formada uma espécie de tribunal, a *Kızı*, cujas decisões finais são irrecorríveis.

Paiva destaca, ainda, a importância dada à virgindade da cigana antes do casamento – cerimônia que também é de grande importância para os ciganos. Algumas famílias tratam antecipadamente dos casamentos – certas vezes, antes mesmo do nascimento dos noivos, seus pais já combinam o casamento entre eles. O objetivo é tentar garantir um casamento entre ciganos para preservar os costumes e tradições. Aspectos dessa cerimônia podem variar entre os subgrupos, mas a descrição de Paiva dá uma idéia:

As festas dos esponsais, *abieu*, costumam durar três dias. Há um ritual pré-casamento. Os pais negociam entre si o valor da noiva, que chega, depois de muita negociação, a um valor (dote) simbólico. No dia do casamento os noivos comem um pedaço de pão e sal, que dizem manter o casamento íntegro através dos tempos. Em um tacho são

<sup>53</sup> Disponível em <http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos,tziganos,gitanos,boêmios.doc>. Acesso em: 27/11/2008

<sup>54</sup> Disponível em <http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos,tziganos,gitanos,boêmios.doc>. Acesso em: 27/11/2008

<sup>55</sup> Disponível em <http://www.rio3001negocios.com.br/jordana/danca.htm>. Acesso em 27/11/2008.

postos os presentes e moedas. Os noivos jogam uma taça ao chão, supondo que o amor vai só acabar quando os cacos da taça se juntarem. A noiva e o noivo simulam um rapto e abandonam os convidados. No dia seguinte é feito o exame do sinal de virgindade, através do lençol manchado; quando verificada, explodem as festas, rasgam a camisa do pai da noiva e o carregam pela casa ou acampamento. A moça viverá com os sogros e a eles servirá obedientemente até ter o primeiro filho, quando, então, terá sua tenda. O adultério e bigamia não são tolerados e as mulheres ciganas são extremamente fiéis e dedicadas aos respectivos maridos.<sup>56</sup>

Os ciganos, de uma forma geral, também costumam valorizar muito a família – aqui incluindo filhos, netos, primos, tios, etc. Segundo Paiva, a família nuclear é o elo mais forte de ligação entre os grupos. O amor às crianças é outro traço marcante entre os ciganos – o que chega a ser irônico, por causa da fama de “ladrões de criancinhas”, já mencionada. Proporcionalmente ao amor às crianças, também é o valor que os ciganos costumam dar aos idosos, tidos como fontes de sabedoria.

Paiva destaca, ainda, a religiosidade como um aspecto forte entre os ciganos. Não há uma religião cigana específica - muitas vezes os ciganos acabam adotando a religião do país em que se fixaram e, há, também, ciganos ateus. No entanto, mesmo muitos destes praticam alguns rituais, pois religiosidade prescinde de religião. Destacam-se aí os rituais que são realizados após a morte de um cigano - o que será descrito, a seguir, conforme as tradições Calons.

Diversos pesquisadores afirmam que o grupo Calon é o que possui mais integrantes nômades. Portanto são eles os que mais se aproximam do estereótipo – aqui, não necessariamente negativo - do que é ser cigano. Para se ter uma idéia: segundo o casal de Calons Yuri e Morgana,<sup>57</sup> existiam, em novembro de 2008, só no Estado do Rio, pelo menos cinco acampamentos de Calons – em Itaboraí, Tanguá, Campos, Resende e Angra dos Reis. Outro motivo faz com eles estejam mais próximos da representação tradicional dos ciganos: grande parte veste as roupas típicas ciganas no dia-a-dia, ou seja, não as vestem apenas para apresentações para os *gadjon* como o fazem muitos dos ciganos de outros subgrupos. Por todas essas razões, é interessante observar alguns aspectos mais específicos desse subgrupo cigano.

---

<sup>56</sup> PAIVA, Asséde. Disponível em

<http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos.tziganos.gitanos.boemios.doc>. Acesso em: 27/11/2008

<sup>57</sup> Em entrevista, concedida à autora desta pesquisa em 19/10/2008. Com o projeto “Kalons Latatchos”, eles foram um dos vinte vencedores do Prêmio Culturas Ciganas, concedido pelo Ministério da Cultura em maio de 2008. O casal promove palestras para os não-ciganos sobre a cultura Calon, organiza festas ciganas, faz apresentações de dança e dá consultas esotéricas.

No que se refere às roupas, os Calons apresentam características bem peculiares: as mulheres usam vestidos ou conjuntos com saias longas, sempre muito coloridas, com fitas e rendas. As combinações de cores não seguem os padrões de estética ou moda dos *gadjons*. De acordo com Morgana, as ciganas se “vestem para a vida e para o marido” e o colorido representa alegria, além de ser uma forma de atrair boas energias. As pernas das *Kalins* (ciganas Calons) devem estar sempre cobertas, para serem “reveladas apenas para os maridos”, da mesma forma que a barriga, considerada sagrada, porque é onde se inicia uma nova vida. Tradicionalmente, os ombros também não deveriam estar à mostra, mas, como fica evidente em fotos e vídeos feitos em acampamentos calons pelo casal, esta regra já não é necessariamente aplicada mesmo pelos ciganos que ainda vivem de acordo com as tradições Calons. Segundo Morgana, essa flexibilização na forma de vestimenta da *Kalin* depende da permissão do marido.

Já a vestimenta dos homens Calons não é tão característica. Pode-se dizer que se assemelha muito com o estilo *country*: botas, chapéu, cinto com fivela. As blusas costumam ser mais soltas, de manga comprida, e a calça pode ser tanto jeans quanto social. Segundo Yuri, peças como colete sobre a blusa, faixa e lenço na cabeça, só são usados em apresentações.

Também são característicos nos Calons os dentes de ouro. Acostumados, ao longo de séculos, a terem que fugir rapidamente de determinados locais em que estão acampados, por conta da perseguição, os dentes de ouro seriam uma garantia de recursos em caso de necessidade. Além disso, como relatam Yuri e Morgana, é comum que autoridades policiais façam inspeções nos acampamentos e cobrem dos ciganos notas fiscais dos objetos que estão nas barracas. Como os ciganos nômades adquirem grande parte do que possuem por meio de troca, não têm como apresentar comprovantes de compras, e, como consequência, muitas vezes seus pertences são apreendidos. O ouro na boca, contudo, não lhes pode ser arrancado. Alguns rituais ou práticas místicas podem ser citados, ainda, como elementos da cultura Calon. Segundo Yuri, as atividades divinatórias, como a cartomancia, devem ser praticadas pelas mulheres por vocação.

Já os ciganos não teriam a obrigação de praticá-las, mas nada os impediria de também o fazerem.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> O ciganólogo Frans Moonen, contudo, afirmou, por e-mail, em 04/09/2008, que “desde o século XV, (a leitura da sorte) trata-se de “profissão” exclusivamente feminina, e nunca homem algum praticará a quiromancia (leitura da sorte na palma da mão), nem a cartomancia (leitura da sorte nas cartas)”. Este é apenas um exemplo das várias polêmicas em torno da definição de aspectos da cultura dos ciganos, mesmo que de um de seus subgrupos. Por isso, os costumes aqui citados



Os rituais fúnebres dão uma idéia de como o misticismo está presente na vida dos Calons. De um modo geral, eles crêem na vida após a morte e, de acordo com essa crença, devem fazer o possível para ajudar o espírito do morto a se desprender da família e das coisas materiais. Com essa preocupação, todos os pertences dele são queimados. No entanto, três dias após a morte, são preparadas as comidas e bebidas que eram preferidas pela pessoa e colocadas na beira de um rio, pois eles acreditam que depois da morte, o espírito permanece durante 40 dias na Terra, “período durante o qual o espírito ainda não se adaptou totalmente às novas condições e pode sentir fome”, explicou Yuri. No enterro, é borrifado perfume, “para que o espírito não sinta o cheiro da morte”. Outra prática, em geral, do integrante mais velho da família, é acender velas brancas e lilases. São feitas orações e evita-se o choro. “Choramos só na hora em que sabemos da morte. Depois não choramos mais para que o espírito possa se libertar”, ainda segundo Yuri.

Outro ritual, mais conhecido pelos *gadjons*, é o do casamento. Tradicionalmente, a *Kalin* deve se casar virgem e, após a primeira relação sexual entre o casal, deve ser exibido o lençol manchado de sangue, comprovando a “pureza” prévia da noiva. Conforme explica Zarco Fernandes<sup>59</sup>, a virgindade é encarada por eles como uma questão de dignidade do espírito: “acreditamos na premissa de que ‘só dou meu corpo a quem dou minha alma’”. Por conta dessa exigência, os ciganos costumam se casar muito novos – em geral, após a primeira menstruação da noiva. Antes disso, o casal não pode ter tido nenhum contato íntimo – nem mesmo um beijo.

O casal, aliás, costuma ser formado por meio de combinação prévia entre os pais dos noivos, às vezes antes mesmo do nascimento deles, pois, como já foi dito, há uma preocupação em garantir a manutenção das tradições. O que, numa perspectiva etnocêntrica, é muitas vezes considerado inaceitável, para a maioria deles, é encarado como algo absolutamente natural, como esclarece Fernandes: “Acreditamos que o amor nasce da convivência”. Ele explica, ainda, que, apesar da pouca idade com que costumam se casar, as *Kalins* já são preparadas para isso desde o momento em que nascem.

No entanto, Fernandes admite que essas regras têm sido flexibilizadas ao longo dos anos: “A cultura a gente tem que adaptar.” Assim, não é mais “o fim do mundo” que um cigano se case com uma mulher que não seja virgem – o que é mais comum quando o

---

podem ser tidos, no máximo, como representativos de parte do subgrupo do Calons, pois é impossível apresentar uma definição cultural representativa de todos os seus integrantes.

<sup>59</sup> Em entrevista por telefone, no dia 10/10/2008.

cigano se casa com um *gadji*. Segundo Fernandes, o fato só não pode ser escondido do noivo e dos padrinhos do casal.

Como destaca o antopólogo Frans Moonen, é normal que a cultura se adapte e se transforme com o tempo, ou seja, isso não necessariamente significa assimilação para a ‘cultura dominante’: “Aos poucos, e às vezes sem os ciganos perceberem, muitos elementos culturais vão mudando. A cultura cigana de hoje (felizmente) não é mais a mesma da de 1700; e a de 2100 não será mais igual à de hoje. Ainda será uma “cultura cigana”, mas diferente da atual.”<sup>60</sup>

Todos os elementos citados fazem parte do sistema simbólico que fundamenta a constituição da identidade cigana, por meio do que se imagina ser a “cultura cigana”. Como visto, a unidade advinda dessa cultura não é garantida por uma unidade de representações, por meio de um universo fechado de normas, costumes e valores, mas, conforme esclarece Sodré, trata-se de uma unidade de forma, isto é, um modo de abordagem do real, onde se entrecruzam discursos e repertórios “portadores de representações da unidade, suportes de processos de estruturação”<sup>61</sup>.

Como símbolos étnicos, esses elementos culturais são interpretados e manipulados publicamente. Victor Turner<sup>62</sup> usa o conceito de gêneros performativos para descrever este processo: para ele, as ações sociais são dramas encenados socialmente e seus *scripts* seriam feitos pelos atores e pela audiência em um momento específico do processo sociodramático.

Um exemplo prático de como isso funciona na construção da imagem cigana é a clássica caracterização dos ciganos como nômades. Como já exposto anteriormente, hoje se sabe que a maior parte dos ciganos não são mais nômades e que o nomadismo lhes foi imposto como única alternativa ao extermínio. Mas essa imagem ainda é difundida pelos próprios ciganos como forma de se distinguirem dos *gadjos*. Como visto, a idéia do nomadismo, associado à de liberdade, faz parte da própria bandeira cigana por meio da imagem da roda de carroça, passando, assim, a idéia de que os ciganos são eternos viajantes, sem moradia fixa. Assim, o nomadismo “seria mais o produto de representações elaboradas ao longo de interações (campo de forças) entre ciganos e *gadje*, objetivando-se em estereótipos, emblemas, categorias, ações e sentimentos”.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> Em entrevista para a autora desta monografia, via e-mail, em 04/09/2008

<sup>61</sup> CABRAL, 1999: 35

<sup>62</sup> TURNER apud FAZITO, 2000: 44

<sup>63</sup> FAZITO, 2000: 113.

Neste campo de forças que opõe ciganos e não-ciganos, a importância dos sistemas simbólicos como instrumentos de dominação de uma classe sobre a outra é considerado tão relevante por Bourdieu<sup>64</sup> que ele lhes atribui um “poder quase mágico, que se permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)”. Essa violência simbólica decorre dos efeitos dos instrumentos estruturantes e estruturados de comunicação e de conhecimento de tais sistemas, que contribuem, assim, para a domesticação dos domesticados, expressão cunhada por Weber a que Bourdieu recorre.

Aos dominados nas relações de força (neste caso, os ciganos) não resta outra alternativa a não ser

a de aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante de sua identidade ou da busca da assimilação a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima.<sup>65</sup>

#### 4.2. Violência simbólica e a formação de estereótipos

“Das minorias que o MinC contempla, os ciganos são, sem dúvida, as maiores vítimas dos preconceitos”. A frase é do coordenador do Grupo de Trabalho para as Culturas Ciganas da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (MinC), Geraldo Vitor da Silva Filho.<sup>66</sup>

Tal conclusão não é muito surpreendente para aqueles que estudam um pouco da história desse povo ou que tenham alguma proximidade com Roms, Sinti ou Calons, que sempre têm histórias para contar sobre episódios em que sofreram com o preconceito enrustido ou até mesmo declarado. Isso porque muitas mães “zelosas” não têm o mínimo pudor de segurarem seus filhos quando um cigano se aproxima e, ainda, de adverti-los de que é preciso “tomar cuidado com essa gente”.

Relatos como esse são freqüentes entre os membros da comunidade “Contra o preconceito a ciganos” do site de relacionamentos Orkut, que em 11 de outubro contava

---

<sup>64</sup> BOURDIEU, 1989: 14

<sup>65</sup> BOURDIEU, 1989: 124

<sup>66</sup> Plano Nacional de Cultura para os ciganos, 2006: 35

com 319 integrantes, dos quais muitos declarados ciganos.<sup>67</sup> Outros relatos dão conta, ainda, da dificuldade de pegar ônibus quando estão vestidos com roupas típicas ou de entrar em determinadas lojas, afinal, como “todos sabem, ciganos são ladrões”.

Se aprender a lidar com o preconceito – enquanto ele não é extirpado de vez – faz parte da vida de todo o cigano a partir do momento em que nasce, a “lição” às vezes pode ser dura de ser posta em prática, como quando as imagens antigas chegam a prejudicar a vida profissional, caso do membro do Orkut identificado como “Ruano ‘El Moro’”. Ela conta, na comunidade dedicada ao assunto, que foi transferido da agência bancária em que trabalhava depois que seu chefe descobriu que ele era cigano.

Outra integrante da comunidade, Adriana Val, conta que também já sofreu na pele o preconceito contra ciganos, apesar de ser *gadji*. É que, por fazer parte de um grupo de dança cigana, ela se veste “como cigana” quando vai a uma apresentação de dança e, por conta disso, diz que pessoas já se afastaram dela. Ela conta ainda, que, na companhia de outras dançarinas do grupo do qual faz parte, fez um exercício de vivência: foi a um shopping vestida “de cigana” para observar a reação das pessoas, que, de fato, não foi das melhores: “Os seguranças do shopping não tiravam os olhos de nós, alguns lojistas nos cercavam como se fossemos roubar algo. Pais pegavam os filhos pelas mãos e os afastavam de nós”, contou no site.

Dentre os relatos, vale registrar ainda o de “Lady Kirtadze”:

Perto de casa, uma grande rede de supermercados mudou de dono, mas as meninas, antigas funcionárias, continuaram. Eu sou conhecida e sempre vou lá com meu bebê no carrinho. Um dia, o gerente novo mandou a funcionária olhar meu carrinho em baixo. A menina sem graça, disse: ‘Não leve a mal, nós já te conhecemos, mas temos que olhar, é ordem. Ele está assim porque ficou sabendo que nesse bairro tem muitos ciganos. Não que você seja, nem nada disso, mas tenho que olhar.’ Eu respondi: ‘Não pareço cigana?’, ao que ela respondeu: ‘Não, claro que não. Não anda suja, nem sei bebê é sujo. E anda de calças compridas. Nem anda cheia de ouro, nem nada. Só tem cabelo comprido, mas isso não quer dizer nada.’ Eu respondi: “Que interessante...Porque sou uma das ciganas do bairro...”<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Em

<http://www.orkut.com.br/Main?cmm=36977980&tid=2546825328465029419&start=1#Community.aspx?cmm=36977980>. Acesso em 15/11/2008.

<sup>68</sup> Em

<http://www.orkut.com.br/Main?cmm=36977980&tid=2546825328465029419&start=1#CommMs.gs.aspx?cmm=36977980&tid=2546825328465029419&start=1>. Acesso em 15/11/2008.

Segundo Moonen, autor de “Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil” os principais estereótipos negativos<sup>69</sup> sobre os ciganos, e que persistem até hoje, começaram a ser formados já no século XV, quando eles começaram a chegar na Europa Ocidental. O estigma de que os ciganos são ladrões, por exemplo, já teria surgido naquela época. No entanto, como destaca Moonen<sup>70</sup>, outras centenas de milhares de ciganos também sobreviviam exercendo a mesma ‘profissão’, com a diferença de que, na quase totalidade das vezes, os ciganos somente praticavam pequenos furtos de subsistência, usando apenas a astúcia e nunca a violência, ao contrário dos assaltantes europeus não-ciganos, que muitas vezes assassinavam famílias inteiras ou incendiavam propriedades rurais.

Outra lenda que teria motivado a perseguição contra ciganos é a de que eles teriam ajudado na crucificação de Jesus Cristo, apesar de, hoje, os principais estudiosos afirmarem que, naquela época, eles ainda nem tinham saído da Índia.

Para Moonen, a origem desses e de outros mitos negativos, deve-se, em grande parte, às ameaças de concorrência política e econômica que os ciganos representavam na época, conforme defendeu San Roman<sup>71</sup> num artigo sobre ciganos na Espanha. Os primeiros ciganos a chegarem à Europa apresentavam-se como nobres e se tornavam uma ameaça política para a classe dominante local, que desejava ver-se livre deles o mais rápido possível. Autoridades municipais da Alemanha e da Holanda teriam pago para que os ciganos não entrassem ou não voltassem para suas cidades.

Além disso, os ciganos exerciam atividades que concorriam com algumas profissões que ainda eram controladas por corporações locais, como as de ferreiros, caldeireiros e artesões de um modo geral, as quais dificilmente aceitavam a concorrência de pessoas de fora, “menos ainda de estrangeiros exóticos que aparentemente vieram para ficar.” Muitos ciganos eram, também, excelentes artistas e constituíam também uma ameaça de concorrência econômica para dançarinos, músicos e acrobatas.

---

<sup>69</sup> Ainda conforme Moonen, os estereótipos – conhecimentos prévios que podem ou não corresponder à realidade – não resultam, necessariamente, em preconceito. Este só nasceria quando o estereótipo se transforma num infundado sentimento negativo, numa injustificável opinião negativa sobre outros indivíduos ou grupos, já que os estereótipos racionalizam a nossa conduta em relação a membros de grupos diferentes e justificam nossa conduta hostil, porque eles são socialmente aprovados e constantemente martelados na nossa mente pelos meios de comunicação, literatura, imprensa, etc.

<sup>70</sup> MOONEN, 2008a: 81

<sup>71</sup> ROMÁN *apud* MOONEN, 2008a: 13

Some-se a isto tudo, a cor de sua pele escura<sup>72</sup>, a língua incompreensível, o fato de aparentemente não terem religião, os poderes mágicos das mulheres que sabiam prever o futuro, e podemos entender a origem da xenofobia contra ciganos – mas sem jamais justificá-la.

As imagens anticiganas constam de inúmeros documentos históricos, além livros de ficção e de, outros, supostamente de estudiosos. Um dos pioneiros dos estudos ciganos, o alemão Heinrich Grellman (1753-1804), conhecido principalmente por seu livro “Os ciganos...na Europa”, um verdadeiro sucesso editorial que foi traduzido para diversas línguas, baseou-se em trabalhos de outros autores e até mesmo em notícias publicados em jornais sensacionalistas ao invés de fazer um trabalho de campo sério.

Uma das conseqüências nefastas disso foi a reprodução de uma notícia publicada em jornais em 1782 sobre a prisão de 84 ciganos suspeitos de terem assassinado e depois comido algumas pessoas desaparecidas, o que resultou também na decapitação, enforcamento ou esquartejamento de 41 ciganos. A conclusão de Grellman foi de que os ciganos em geral eram antropófagos. No entanto, depois do livro já ter sido publicado e amplamente vendido no mundo todo, as pessoas que os tais ciganos teriam matado reapareceram. Mas já era tarde demais: os 41 ciganos já mortos não “teriam a mesma sorte de levantarem das tumbas” e os europeus já estavam “devidamente” informados sobre os terríveis hábitos alimentares dos ciganos.<sup>73</sup>

Outro autor que foi responsável pela reprodução de mais estigmas e visões estereotipadas sobre os ciganos foi o inglês George Borrow. Em 1841, ele publicou o livro “The Zincali”, sobre os ciganos na Espanha, no qual ele apresenta os ciganos como degenerados, vigaristas e ladrões. As mulheres ciganas eram por ele consideradas bruxas - no pior sentido desta palavra -, batedoras de carteiras e assaltantes de lojas, além de detentoras de tantas outras habilidades tão vis quanto as já mencionadas. Muitas dessas informações, no entanto, ele plagiou descaradamente de um livro de viagens pouco conhecido, publicado em 1.818. Ainda assim, muitos “ciganólogos” posteriores basearam seus “estudos” nos livros de Borrow, plagiando o que já era plagiado.

Tais produções serviram como base inclusive para os verbetes de enciclopédias, consideradas como as principais formas de divulgação do conhecimento a partir do século

---

<sup>72</sup> Conforme Donald Kenrick e Grattan Puxon, em “The Destiny of Europe’s Gypsies” (1972), a pele negra de muitos ciganos condenou-os serem vítimas do preconceito, pois a convicção de que a negritude denotava inferioridade e perversidade (associada aos mouros e aos chamados sarracenos) estava bem sedimentada na mentalidade ocidental.

<sup>73</sup> MOONEN, 2008a: 83

XVIII. Nelas, os ciganos eram freqüentemente apresentados como preguiçosos por natureza, sem noções de moralidade, frívolos, rudes e selvagens.<sup>74</sup>

Obras de ficção – aqui as declaradamente de ficção, ao contrário das de Borrow e Grellman – também tiveram papel fundamental na gênese das imagens anticiganas, mesmo que, muitas vezes, já não se lembre de onde surgiram – e, talvez, por isso mesmo, ainda encaradas como verdadeiras por muitos.

Ainda no século XVIII, Goethe representa o cigano como a encarnação do nobre selvagem, contrastando-o com os aspectos materiais e fugazes da vida cotidiana, o que, conforme Fazito<sup>75</sup>, estava em pleno acordo com os preceitos românticos e liberais do iluminismo alemão. Mas, no século XIX, convenções mais depreciativas sobre os ciganos se solidificam nos discursos literários: “eles podiam ser usados em livros para crianças ou adultos, como uma estratégia de construção de roteiro, explicando roubos, estranhos acontecimentos ou eventos ocultos (...)”<sup>76</sup>.

Foi o caso de um dos mais persistentes estigmas: o de que ciganos são ladrões de “criancinhas”, que fez parte de narrativas literárias de escritores como Molière, De Foe, Goethe e Victor Hugo. O primeiro registro em um livro de grande repercussão foi feito por Miguel de Cervantes, em “La Gitanilla” (1612). Tal mito, contudo, não encontra nem resquício de verdade. Os ciganos têm grande apreço pelas crianças, assim como pelos idosos.

A Kalderash Jordana Aristicht, fundadora da Associação Mundial de Proteção à Criança Cigana<sup>77</sup>, atribui o mito ao fato de os acampamentos ciganos terem sido, por muitos anos, verdadeiros orfanatos, pois eram utilizados para ocultar crianças nascidas de relações consideradas desonrosas: “Os ciganos ficavam com as crianças porque as amavam .... sem, no entanto, seqüestrá-las, violentá-las ou estuprá-las ...”.

As narrativas sobre ciganos no Brasil seguem rumo parecido – senão idêntico. Em 1847, o romancista carioca Teixeira e Souza (1812-1861) apresentou o personagem cigano Justo, em “As tardes de um pintor” (1847), no capítulo sobre “O campo dos ciganos”, como pertencente a uma raça de ‘antípodas da civilidade e bons costumes’. Cinco anos depois, Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) submete os dois protagonistas do

---

<sup>74</sup> WILLEMS; LUCASSEN *apud* FAZITO, 2006: 90

<sup>75</sup> FAZITO, 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci_arttext). Acesso em 11/10/2008.

<sup>76</sup> FAZITO, 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci_arttext). Acesso em 11/10/2008.

<sup>77</sup> ARISTICTH *apud* MOONEN, 2008a: 93

clássico “Memórias de um sargento de milícias”, Leonardo Pataca e o filho homônimo, a paixões e aventuras adversas com ciganos, representados com lascivos, velhacos e “acostumados à vida vagabunda”.<sup>78</sup>

Os primeiros estudos sobre a tradição cigana na cultura brasileira, assim como os de Grellman e Borrow, não se desvencilharam completamente dos juízos de valor sinalizados nas obras de ficção de meados do século XIX. Em 1885, o médico baiano Alexandre José de Mello Moraes Filho publica “Cancioneiro dos Ciganos”, uma coletânea de poesias supostamente ciganas. Conforme assinala Cristina Ribeiro, apesar das características abasileiradas de algumas poesias do livro, seu coletor sustenta que os ciganos teriam uma espécie de imunidade cultural, capaz de manter suas tradições invioladas em contato com outras culturas, e atribui a isso um julgamento simultaneamente positivo – por preservar usos preciosos para o conhecimento arqueológico - e negativo – por levar os ciganos a “recair nos vícios e se manterem ‘bárbaros’ em relação aos povos ‘civilizados’”.

Tais concepções serviram de base para seu livro posterior, “Os Ciganos no Brasil” (1886), onde, nas palavras de Ribeiro, ele “examina a propensão da ração à surdez; destaca a tendência à linguagem cifrada e às alcunhas; comenta a beleza irresistível das calins, formosas, mas de ‘mau exemplo no lar doméstico’”.

Em 1948, João Donas Filho publicou um artigo sobre os ciganos em Minas Gerais, baseando-se em documentos históricos, principalmente em relatórios policiais e páginas de jornais policiais, abordando, basicamente, supostos roubos, seqüestros e assassinatos praticados por ciganos.<sup>79</sup> Mais uma vez, fica evidente a grande parcela de responsabilidade da imprensa na formulação e reprodução de estereótipos negativos sobre ciganos.

---

<sup>78</sup> RIBEIRO, 2006: 22-25

<sup>79</sup> MOONEN, 2008b: 2



## 5. MÍDIA

A comunicação é percebida, em todo o caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças (...). O que significa que neles (meios de comunicação) não apenas se reproduz ideologia, mas também se faz e refaz a cultura das maiorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva.<sup>80</sup>

A questão da representação midiática é de elevada relevância nos dias de hoje, pois a mídia responsabiliza-se por todas as mediações sociais. Isto é: ela que regula a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares, do que se pode concluir que a mediação foi substituída pela midiatização.<sup>81</sup>

Este novo padrão de mediação baseia-se nos paradigmas do mercado, privilegiando um número reduzido de indivíduos, em detrimento de um número cada vez maior de excluídos dos procedimentos velozes dos bens de consumo. Assim, conforme destaca Paiva<sup>82</sup>, observa-se a emergência de um padrão de mediação e relação social perpassado pela violência, presente nos dispositivos utilizados para permanência e perpetuação das forças hegemônicas.

Neste cenário, torna-se premente a inserção de novos agentes informativos e novas propostas comunicacionais que desafiem o monopólio da versão pública sobre os fatos. Estes novos espaços de informação, para que possam cumprir com a função de apresentar um novo olhar sobre a realidade daqueles que representam, devem ter como premissa o comprometimento político – consubstanciando-se em veículos de comunicação comunitária.

Neste capítulo, serão analisadas de que formas os ciganos sofrem com a representação midiática hegemônica e o desenvolvimento de propostas comunicacionais alternativas – seus desafios, dificuldades e sucessos.

### 5.1. Representação na mídia

Se há um ponto em que as lideranças ciganas no Brasil convergem é em relação à avaliação sobre a representação dos ciganos na imprensa: todos consideram ruim,

---

<sup>80</sup> BARBERO //MORAES, 2003: 63

<sup>81</sup> PAIVA //BARBALHO; PAIVA, 2005: 17

<sup>82</sup> SOARES, 2005:16-17

estereotipada e/ou tendenciosa. Esta é a visão, por exemplo, da jornalista Yaskara Guelba, presidente do Centro de Estudos e Resgate da Cultura Cigana de São Paulo (Cerci - SP): “Há um vácuo na nossa política que vai da ignorância à indiferença. O governo é indiferente porque não sabe quem realmente somos. Assim, a mídia caminha junto e, na maioria das vezes, fala sobre nós de forma hilária e absolutamente discriminatória”.<sup>83</sup>

A abordagem discriminatória é mais comum em jornais europeus – pois, como já visto, o preconceito é mais explícito em países do continente europeu do que no Brasil. Na Itália, onde a política discriminatória do governo de Silvio Berlusconi tem sido responsável pelo êxodo em massa de ciganos, a imprensa é, ao mesmo tempo, produtora e reprodutora do preconceito contra Roms, Sinti e Calons. Como exemplo disso, pode ser citada a manchete do jornal “Il Giornale”, de Berlusconi, de maio de 2008, que atribuía a uma jovem cigana a responsabilidade pelo seqüestro de um bebê, apesar de isso não ter sido jamais comprovado. A leviandade – se não, maldade – na edição do jornal acirrou os ânimos dos habitantes de Ponticelli, que incendiaram dois acampamentos ciganos.

Infelizmente, na imprensa européia, em especial, a etnia cigana ainda é relacionada a assaltos e roubos. Sem receberem a devida assistência, muitos ciganos refugiados acabam, realmente, recorrendo à mendicância e ao furto, e vão parar nas páginas policiais dos jornais, onde os jornalistas costumam identificá-los como 'ciganos', embora “não costumem informar nada sobre a nacionalidade ou identidade étnica dos outros milhares de criminosos presos por causa de 'crimes' idênticos ou semelhantes”.<sup>84</sup>

Como exemplo, pode ser citada a matéria publicada no site de notícias português RTP sobre três homens ciganos que teriam praticado vários assaltos, em um curto intervalo de tempo, em Portugal.<sup>85</sup> O fato de serem ciganos merece destaque na manchete: “Três homens de etnia cigana suspeitos de dois assaltos em Amarante e um ‘carjacking’ em Felgueiras”. Esse tipo de abordagem também é feito no Brasil, como exemplifica matéria publicada na versão on-line do jornal Folha de São Paulo, no dia 7 de julho de 2008, com o título: “Polícia catalã liberta jovem seqüestrada e estuprada por grupo cigano”.<sup>86</sup> Outro exemplo, talvez ainda mais representativo, foi um plantão de notícias publicado no site da Globo Minas, em 11 de setembro do mesmo ano, com o seguinte

---

<sup>83</sup> Em entrevista, por e-mail, para a autora desta monografia, em 20/09/2008.

<sup>84</sup> MOONEN, 2008a: 59

<sup>85</sup> Disponível em <http://www1.rtp.pt/noticias/index.php?article=335471&visual=26&rss=0>. Acesso em 08/11/2008.

<sup>86</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/foha/mundo/ult94u419987.shtml>. Acesso em 08/11/2008

título: “Corpo é encontrado perto de tenda de ciganos em Ribeirão das Neves”.<sup>87</sup> Não foi, certamente, por acaso, que a localização do corpo foi exposta no título. Para merecer tal destaque, o redator provavelmente considera que o local em que ele foi encontrado representa forte indício de quem foi o autor do crime contra o homem não identificado. Será que, se o corpo tivesse sido encontrado ao lado da casa de um casal branco não-cigano, a localização do corpo seria mencionada no título?

Em outros tempos, a abordagem preconceituosa da imprensa em relação aos ciganos era ainda mais explícita: eles eram tratados declaradamente como ladrões, como se estivesse no gene ou no sangue deles a condição de ser marginal. A verdade é que, em tempos “politicamente corretos”, isso já não faz parte da grande imprensa – pelo menos não de forma tão explícita, como foi feito, por exemplo, em artigo publicado em um jornal carioca de 1936:

Em nossa capital, em virtude do serviço de qualificação recentemente criado pela polícia, muitas colônias de ciganos se transferiram para o interior. Contudo, ainda existem alguns núcleos de zíngaros da Grécia e da Iugoslávia (...) Os da Iugoslávia, cujo quartel general é [num botequim] na rua Senador Pompeu (...) são ciganos que não trabalham. Os homens passam o dia todo na maior ociosidade; quando não jogam cartas, dormem profundamente. As mulheres é que trabalham, iludindo a boa fé alheia e sustentando à custa da “buena-dicha” os barbados da família. Os da Grécia, que vivem no Meyer, (...) são mais prestativos e obedecem a outros costumes. Os homens geralmente têm profissão e ganham a vida à custa das suas atividades como concertadores e estanhadores de caldeirões e panelas (...). As mulheres, entretanto, não deixam de se ocupar com a “leitura da sorte” dos incautos (...). Si entre uns e outros difere o modo de vida, em compensação o “habitat” é idêntico. Uma casa de ciganos é igual à de todos os outros. Não tem mobília. Não existe mesa, nem cadeira, nem cama. Mas há abundância de tapetes velhos e imundos, pendendo pelas paredes (...). Dormem no chão, ou (...) sobre um acolchoado. A roupa de uso se espalha em desordem por todos os recantos da casa. Assim é a moradia dos ciganos que residem em casa de pedra e tijolo. Os ciganos da Grécia, entretanto, preferem passar o tempo nas barracas armadas no fundo do quintal. Trocam a casa pela tenda (...)<sup>88</sup>

Notícias como essa podem não ser mais publicadas na grande imprensa brasileira, mas os danos produzidos por matérias de tempos em que o racismo ainda não era crime não se apagam de um dia para o outro. As idéias de que as ciganas são aproveitadoras da

---

<sup>87</sup> Disponível em <http://globominas.globo.com/GloboMinas/Noticias/Plantao/0,,MUL756527-9076,00.html>. Acesso em 08/11/2008

<sup>88</sup> CHINA *apud* TEIXEIRA, 2008: 23

boa fé alheia e de que os ciganos são vagabundos e não gostam de trabalhar, passadas de geração em geração, foram escritas durante muitos anos nos jornais brasileiros.

Se esse preconceito ficou mais velado, isso não significa, contudo, que Roms, Sinti e Calons têm sido bem abordados nas reportagens dedicadas a eles. O desconhecimento e a superficialidade são responsáveis por várias incorreções nas matérias sobre ciganos. Entre os enganos mais comuns, está o de atribuir características, hábitos ou costumes de um clã a todos os ciganos, apesar, de como já foi dito, haver uma grande diversidade cultural entre cada subgrupo cigano.

Há vários exemplos desse tipo de abordagem superficial nos jornais brasileiros. Em 18 de maio de 2008, reportagem do jornal O Globo sobre a publicação da Cartilha “Povo Cigano – O direito em suas mãos”, redigida pela Kalderash Mirian Stanescon, tem o seguinte subtítulo: “Cartilha escrita por cigana nascida e criada em Nova Iguaçu a convite do governo federal prevê inclusão social e valorização cultural do povo nômade em todo o país”.<sup>89</sup> Como se vê, mais uma vez os ciganos são erroneamente chamados de “povo nômade”, apesar da maioria deles ser sedentária – inclusive a própria autora da cartilha. O mesmo erro cometeu a repórter Débora Gares, também no Jornal de Bairros do Globo, neste caso, em matéria no caderno da Ilha do Governador, em abril de 2008, cujo subtítulo foi: “Espaço Holístico Aquário oferece palestra e aula de dança gratuitas para romper mitos sobre o povo nômade”.<sup>90</sup>

No mesmo jornal, no suplemento “Boa Viagem”, um box de uma reportagem sobre Sibiu, cidade romena que fica a 170 quilômetros da capital do país, Bucareste, faz referência a Florin Cioba, tratado como rei dos cerca de 50 mil ciganos locais.<sup>91</sup> No entanto, entre os ciganos não existe qualquer hierarquia centralizada, muito menos Monarquia, como esclarece o presidente do Centro de Cultura Cigana, CCC-MG, Zarco Fernandes<sup>92</sup>: “em nossa organização não existe monarquia, muito embora alguns ciganos abastados se intitulem “rei”, “rainha” ou “príncipe”, como é o caso do auto proclamado “rei internacional dos ciganos”, o romeno Florin Cioabá.” O repórter nem sequer escreveu a palavra ‘rei’ entre aspas, o que daria a idéia de que Cioba seria um grande líder local, com uma legitimidade parecida com a de um rei – o que, segundo Fernandes, também não é o caso.

---

<sup>89</sup> PAES, 2008: 10-12

<sup>90</sup> GARES, 2008: 15

<sup>91</sup> O protetor da minoria cigana, 2007: 34 e 35

<sup>92</sup> Em entrevista, por e-mail, para a autora desta monografia, em 10/10/2008.

A abordagem estereotipada e superficial é, muitas vezes, “justificada” pelos modos de produção do jornalismo – não há tempo de se fazer uma pesquisa mais aprofundada -, e a superficialidade é quase encarada como característica inerente às reportagens. Além disso, há os que defendam o estereótipo como uma forma inescapável de criar uma sensação de ordem em meio ao frenesi da vida social moderna – ou no caso, em meio à complexa diversidade entre os ciganos. No entanto, a disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de quaisquer comunidades representa um grave problema para o processo democrático, pois este exige a opinião esclarecida de cada cidadão sobre questões centrais da vida política e social. Assim,

a premissa de que representações seletivas, parciais, ultra-simplificadas e instrumentais do Outro são parte integral do processamento mental de estímulos (...) leva à temerária conclusão da necessidade do estereótipo, inocentando seus perpetradores, e deixando-nos inermes diante do racismo, da xenofobia e da discriminação sexual.<sup>93</sup>

O racismo velado reproduzido em matérias jornalísticas se torna mais evidente nas obras de ficção transmitidas pela televisão, onde os preconceitos são reproduzidos e mantidos vivos. Uma rápida pesquisa no mecanismo de busca de vídeos do site da Tv Globo é bastante reveladora. Os trechos de novelas que contém a palavra “cigano(a)” no título, não se levando em consideração os vídeos de “Explode Coração”<sup>94</sup> e “Pedra sobre pedra”<sup>95</sup>, apresentam supostas ciganas como mulheres trambiqueiras que fazem de tudo para arrancar dinheiro dos “otários” que vão atrás delas para uma consulta esotérica.

Em um capítulo de “Malhação”, uma “cigana” roga uma praga em uma personagem que se recusou a pagar por sua consulta. A mesma cigana aparece novamente em outro capítulo da novela, dessa vez dando consulta a um personagem masculino. Mas a “cigana”, querendo evitar novo calote, faz questão de receber o pagamento adiantado e, em dobro, porque a “história seria longa”.<sup>96</sup>

Outra suposta cigana, tão trambiqueira quanto a apresentada em Malhação, atendeu dois personagens da novela “A Lua me disse”<sup>97</sup> para uma consulta esotérica. Suas capacidades adivinhatórias eram tão bem desenvolvidas, que, em resposta a indagação dos

---

<sup>93</sup> FREIRE FILHO et al, 2004: 3

<sup>94</sup> Novela exibida na Tv Globo entre 6 de novembro de 1995 e 4 de maio de 1996. Foi escrita por Glória Perez e dirigida por Denis Carvalho.

<sup>95</sup> Novela exibida na Tv Globo entre 6 de janeiro e 31 de julho de 1992. Foi escrita por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn e dirigida por Paulo Ubiratan e Gonzaga Blota.

<sup>96</sup> Capítulos exibidos em 09/06/2008 e em 12/06/2008, na Tv Globo

<sup>97</sup> Capítulo exibido no dia 27/06/2005, na Tv Globo

personagens sobre o paradeiro de uma pessoa desaparecida, a “cigana” respondeu, em tom profético: “As cartas não mentem... Vocês devem procurar um detetive”.

Em “A Lua me disse”, outra aproveitadora, apresentada como cigana, atende duas personagens interessadas em saber sobre o futuro.<sup>98</sup> Com risadas macabras e olhar maquiavélico, a “cigana” diz que sua cliente está “com os caminhos fechados” e, para curá-la, precisará da genitália de um boi preto. Como a cliente acha o “remédio” um tanto quanto estranho e se recusa a pagar, a “cigana” tem um ataque patético e chega a babar.

Quanto às novelas “Explode Coração”, cuja temática eram os ciganos, e “Pedra sobre Pedra”, com personagens ciganos, não há muitos trechos disponíveis no site da Tv Globo que permitam uma análise mais aprofundada. No entanto, diversas lideranças ciganas não pouparam críticas à obra de Glória Perez, apontando mais pontos positivos em “Pedra sobre pedra”.

Segundo os Calons Yuri e Morgana, em “Explode Coração” os ciganos representados eram de classe social elevada, com condições de vida muito diferentes da realidade da maioria dos ciganos.<sup>99</sup> Eles dizem que as ciganas da novela vestiam, no dia-a-dia, roupas que os ciganos só usam em festa, porque no cotidiano realizam trabalhos pesados para os quais roupas muito elegantes e pesadas não são adequadas.

Isso, aliás, segue uma tendência das novelas da Tv Globo, nas quais, em geral, a pobreza e as dificuldades advindas dela são bastante amenizadas. Basta ver como as casas nas favelas cenográficas são sempre bem equipadas e arrumadas, assim como as roupas dos pobres podem ser simples, mas nunca furadas, desbotadas ou aparentando ser velhas.

O Calon Daniel Rolim, presidente do Museu de Cultura Cigana, também acha que a novela não representou bem a vida dos ciganos: “A Explode Coração foi uma piada, mostrou uma realidade que não existe. Eles se basearam num tipo de vida de Tacheiro, mas foi uma historia cheia de furos, nada como a realidade”<sup>100</sup>.

O fato é que, aos ciganos, são dadas duas possibilidades de representação, quer seja em obras de ficção, quer seja em reportagens: seres vagabundos, ladrões e trapaceiros ou seres exóticos, até admiráveis, mas distantes das pessoas “normais”.

Assim, não se vê ciganos em novelas, convivendo ao lado de não-ciganos, levando suas vidas normais, como ciganos sedentários, que exercem profissões como professores, médicos ou advogados, ou como ciganos nômades, que têm uma rotina dura nas barracas,

---

<sup>98</sup> Capítulo exibido no dia 27/06/2005, na Tv Globo

<sup>99</sup> Em entrevista para a autora desta monografia, em 20/10/2008

<sup>100</sup> Em entrevista para a autora desta monografia, via e-mail, no dia 14/09/2008

nas quais as mulheres precisam fazer serviços pesados, enquanto os homens estão nas ruas, exercendo atividades que lhes garantam o sustento da família, enfrentando o preconceito e a incompreensão da sociedade.

Como visto, os textos jornalísticos dão destaque despropositado à suposta participação de ciganos em crimes, fazendo referência à etnia nos títulos das matérias, como se houvesse alguma relevância nisso. Até dedicam espaço para escrever algumas linhas sobre aspectos culturais dos ciganos, mas, em grande parte das vezes, abordando-os de forma superficial e estereotipada. Por isso, para o ciganólogo Frans Moonen, “na mídia brasileira, ou é apresentada uma imagem romântica dos ciganos, como nas novelas globais, ou então eles aparecem apenas nas páginas policiais dos jornais. Os ciganos não se identificam nem com uns, nem com outros.”<sup>101</sup>

Tudo isso tem conseqüências graves, pois, como destaca Ana Paula Goulart Ribeiro<sup>102</sup>, “a mídia é o principal lugar de memória e/ou de história das sociedades contemporâneas”. Isso porque os meios de comunicação assumiram, no século passado, uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social que são aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade. Conforme explica a jornalista, esse poder assumido notadamente pela imprensa se deve, essencialmente, ao mito da neutralidade e da imparcialidade que surgiu, em meados do século XIX, com a idéia de jornalismo informativo e que se fortaleceu, ao longo do século XX, em todo o mundo.

Além disso, como já foi dito, a mediação deu lugar à *mediatização*, o que implica reconhecer, conforme Muniz Sodré<sup>103</sup>, “que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social de sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos”. Isso, porque na sociedade mediatizada, as instituições, práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação.

Todo esse processo de estigmatização tem, como conseqüência positiva, e como possível meio de transformação, a fundamentação dos princípios de unificação de Roms, Sinti e Calons, criando pontos de apoio objetivos da ação de mobilização. Pois, como destaca Bourdieu:

o estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema - segundo o paradigma “black is beautiful” – e que termina na

---

<sup>101</sup> Em entrevista, por e-mail, para a autora desta monografia, em 15/09/2008

<sup>102</sup> RIBEIRO, 2003: 25-44

<sup>103</sup> CABRAL, 1999b: 27-28

institucionalização do grupo produzido (mais ou menos totalmente) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização. (...) É assim, embora se possa deplorar que, por uma espécie de desforra da história, aqueles que foram as primeiras vítimas das ideologias reacionárias da terra e do sangue tenham sido obrigados a criar inteiramente, para realizarem sua identidade, a terra e a língua que servem geralmente de justificação objetiva à reivindicação da identidade.<sup>104</sup>

Não é por acaso, portanto, que, finda a II Guerra Mundial, inúmeras organizações ciganas, nacionais e internacionais, tenham surgido na Europa: Associação dos Sinti na Alemanha (1952), Associação dos Ciganos da França (1962), Organização Nacional Cigana da França (1968), entre outras. Segundo estimativa de Liégeois, existiam cerca de mil organizações políticas e culturais ciganas na Europa em 1993.<sup>105</sup>

Contudo, de acordo com Moonen, nenhuma delas chegou até hoje a representar, de fato, todos os ciganos de um determinado país, e, menos ainda, todos os ciganos do mundo. Os problemas enfrentados por estas organizações não são poucos: enorme diversidade lingüística entre os ciganos, dificultando a comunicação entre eles; grande variedade de problemas, aspirações e interesses familiares, locais, regionais ou nacionais; inadequação das estruturas políticas ciganas para este tipo de organização, posto que as lideranças ciganas sempre foram a nível familiar ou grupal; competições entre lideranças, etc.<sup>106</sup>

No caso específico do Brasil, a situação é praticamente a mesma: há várias organizações, como a União Cigana do Brasil, Centro de Cultura Cigana e Associação da Preservação da Cultura Cigana do Estado de São Paulo, mas cujas lideranças apresentam sérias divergências e não são reconhecidas como representativas por ciganos de grupos diferentes.

## 5.2 Mídia comunitária e outras alternativas

O jornalismo comunitário é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe. (...) Um jornal comunitário (...) é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo.<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> BOURDIEU, 1989: 125-126

<sup>105</sup> LIÉGEOIS *apud* MOONEN, 2008a: 107

<sup>106</sup> MOONEN, 2008: 107-108

<sup>107</sup> MARCONDES FILHO *apud* SOARES, 1998: 154



Diante dos desafios impostos aos ciganos, que formam uma comunidade transnacional em busca de uma identidade que legitime e fortaleça a união política entre Roms, Sinti e Calons, a imprensa apresenta-se como uma importante ferramenta, ainda pouco explorada, para a conquista desses objetivos. As lideranças ciganas talvez ainda não tenham percebido a dimensão estratégica desempenhada pelos meios de comunicação.

À margem de uma imprensa na qual a informação é vista unicamente como produto, despontam os veículos de comunicação alternativos cuja premissa é justamente o comprometimento político. Por meio de seu desenvolvimento, os membros dessa comunidade deixam de delegar exclusivamente a agentes externos o poder de interpretá-los, isto é, de representá-los.

Aqui, contudo, ainda há bastante confusão: muitos confundem jornalismo comunitário com propostas que visam somente a alterações na fachada da vida social, nas quais figuram editores paternalistas e leitores sentimentalistas, conforme destaca José Marques de Melo<sup>108</sup>. Segundo o jornalista, só se pode falar em uma imprensa comunitária, quando esta se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntico de uma comunidade – isto é, produzido *pela e para* a comunidade.

Apenas dessa forma a imprensa comunitária pode cumprir seu duplo papel como veículo aglutinador e porta-voz de um grupo de indivíduos conscientemente organizados – podendo esta organização ser de natureza geográfica, econômica, institucional ou ideológica.

Advertindo sobre a necessidade de desenvolvimento de uma imprensa cigana, o jornalista Orhan Gajlus<sup>109</sup>, diretor do Roma Media Program of The Open Society Institute, chama a atenção para o fato de a maior parte da imprensa cigana estar nas mãos de não-ciganos. Aliás, ela já nasceu assim. A primeira publicação voltada para as questões ciganas, o “*The Journal of The Gypsy Lore Society*”, que surgiu na Inglaterra, em 1888, foi iniciativa de um não-cigano – o que, segundo Melo, não o configuraria como um veículo de imprensa comunitária.

Gajlus afirma que a imprensa cigana ainda está em estágio embrionário. Segundo suas pesquisas, ele calcula que, nos anos 99 seguintes ao primeiro jornal cigano surgiu, em média, um veículo cigano por ano. Desses, menos de 10% eram publicados em romani.

---

<sup>108</sup> MELO, 2006: 126

<sup>109</sup> GALJUS. Disponível em: <http://www.geocities.com/~Patrin/media.htm>. Acesso em: 20/11/2008

Após a II Guerra Mundial, o desenvolvimento da imprensa cigana ajudou a espalhar a verdade sobre o extermínio sofrido por essa comunidade, ressalta Gajlus. Contudo, a ausência de um ambiente midiático mais institucionalizado não permitiu que esses veículos pudessem influenciar consistentemente a percepção pública sobre ciganos. Segundo o jornalista, avanços nesse sentido, em geral, têm encontrado barreiras na natureza dos regimes comunistas do leste europeu e na política de assimilação das sociedades ocidentais.

Em alguns países, há programas de rádio e televisão feitos por ciganos. Segundo Gajlus, os primeiros programas foram transmitidos há cerca de vinte anos na Macedônia e na Sérvia e desde então muitos outros surgiram, mostrando-se os mais aceitos e eficientes meios de comunicação modernos entre ciganos. No entanto, eles também enfrentam problemas: na maioria das vezes são transmitidos em horários de pouca audiência; também sofrem restrições editoriais; seus apresentadores e jornalistas contam com menos prestígio que os profissionais não-ciganos, etc.

Entre as iniciativas que podem ser classificadas como imprensa comunitária cigana, merecem destaque as duas publicações da Unión Romani, organização espanhola filiada às Nações Unidas: a revista trimestral “I Tchatchipen” (“A Verdade”, em romani) e o jornal quinzenal “Nevipens Romani” (“Notícias Ciganas”).

Antes de analisá-los, é preciso observar que a Unión Romani, atenta ao papel central dos meios de comunicação como mediadores sociais, engendra, desde 1997, a campanha “Periodistas contra el racismo” (“Jornalistas contra o racismo”), que conta a colaboração de cerca de 3 mil profissionais. Desde então, eles avaliam as notícias que são publicadas na imprensa espanhola sobre ciganos, o que, segundo Paiva<sup>110</sup>, é uma das etapas necessárias para a implantação de canais de comunicação comunitária. Segundo a autora, a partir da análise crítica do que é veiculado pelos *mass media*, surge a vontade de produção de discurso próprio, sem filtros e intermediários.

Paiva aponta como uma segunda razão para o surgimento dos veículos comunitários a necessidade de conhecimento dos problemas da comunidade em questão. No caso dos ciganos, conforme sugere Galjus, há a necessidade, ainda, de conhecimento da própria história:

Um criança cigana não aprende nada sobre a história cigana na escola. Tchecos, russos e espanhóis, todos aprendem sobre seus compatriotas famosos. Um cigano, ridicularizado e rejeitado por muitos, é privado de

---

<sup>110</sup> SOARES, 1998: 157

aprendizados que lhe poderia ajudar a se identificar com um herói ou um eminente representante da cultura ou política cigana.<sup>111</sup>

Ambas as preocupações parecem estar presentes nos autores da revista e do jornal editados pela União Romani. Pelo índice temático da 'I Tchatchipen' disponível no site da organização<sup>112</sup>, é possível observar a preocupação em abordar temas históricos e os problemas vividos pela comunidade cigana. Há matérias sobre a origem dos ciganos, a história dos ciganos espanhóis, perseguição e extermínio do Holocausto, mas também relatos sobre ciganos considerados heróis, além de artigos sobre aspectos culturais, como a cerimônia do casamento, poemas ciganos, etc. No entanto, há pouco ou nenhum espaço para notícias mais atuais.

Já o jornal "Nevipens" reserva mais espaço para notícias recentes sobre a comunidade cigana, mas também apresenta matérias frias, entrevistas e perfis de personalidades ciganas. Observa-se que todas as notícias remetem, de alguma forma, à comunidade cigana. Para Paiva<sup>113</sup>, o destaque dos assuntos em um veículo de imprensa comunitária deve ser dado em função de sua importância para o grupo social, numa relação direta com o cotidiano de seus integrantes. Além disso, as notícias devem ser comentadas e relacionadas à vida da comunidade local.

Isso é exatamente o que é feito no jornal da União Romani. Todas as notícias são comentadas e relacionadas às comunidades ciganas, mesmo que passando por assuntos bastante diversos, como se pode observar na edição número 349 da 'Nevipens Romani'<sup>114</sup>, de fevereiro de 2003, onde são publicadas cinco notícias. A primeira refere-se a uma declaração dada por bispos durante uma assembléia da Conferência Episcopal Espanhola por meio da qual eles admitiram que trataram o povo cigano com preconceito ao longo dos anos. A segunda informa sobre a condenação, no Tribunal de Belgrado, de policiais que torturaram um cigano. A terceira aborda a participação de mulheres ciganas em um projeto que promove emprego a grupos desfavorecidos. A quarta comenta uma campanha publicitária contra o racismo na Hungria, na qual aparece um papai-noel cigano. A última fala sobre a inauguração de uma nova sede da associação cigana. Como se vê, o jornal

---

<sup>111</sup> GALJUS. Disponível em: <http://www.geocities.com/~Patrin/media.htm>. Acesso em: 20/11/2008

<sup>112</sup> Disponível em <http://www.unionromani.org/tchatchi/tchatchimateria.htm>, Acesso em 20/11/2008

<sup>113</sup> SOARES, 1998: 158

<sup>114</sup> Disponível em: <http://www.unionromani.org/nevipens/nevipens2003-02.htm#349>. Acesso em 25/11/2008

fornece informações sobre o movimento cigano, a luta contra o preconceito e a situação sócio-econômico das comunidades ciganas.

Com isso, este veículo pode servir à finalidade de mobilização vinculada ao exercício da cidadania, o que permite classificá-lo como veículo comunitário. Mas, para que os veículos comunitários possam alcançar efetivamente esses objetivos, não podem deixar de lado o rigor técnico que os tornem atraentes aos leitores. Para isso, é necessária a atuação de jornalistas que tenham uma visão política da sua profissão, dos movimentos sociais e dos usos dos meios de comunicação.

Contudo, é importante destacar que a participação efetiva da comunidade na elaboração das produções é exatamente o que vai distinguir um veículo comunitário. Esse tipo de veículo será tão mais representativo e reconhecido como tal quanto mais estreita for a relação entre o ele e os propósitos e objetivos da comunidade, fazendo com que seus membros estejam mais envolvidos em sua produção.<sup>115</sup>

Se veículos como os editados pela *Unión Romani* ainda representam exceções em termos de imprensa comunitária cigana, na internet surgem cada vez mais sites e blogs através dos quais os ciganos trocam informações, dividem problemas e, sobretudo, se apresentam ao mundo.

Em 1998, Paiva<sup>116</sup> já afirmava que a comunicação por rede poderia se constituir no novo paradigma da nova democracia, capaz de combater a verticalidade dos meios tradicionais de comunicação de massa.

Pierre Lévy viu, na Internet, a possibilidade de emergência de novos modos de informação e deliberação política e destacou a possibilidade que os *websites* oferecem de ligar comunidades virtuais de locais geográficos distantes - o que, no caso dos ciganos, apresenta-se como fator especialmente estratégico:

as mídias não se ligam mais a um público localizado, mas a uma comunidade virtual distribuída por toda parte num mundo de ouvintes, espectadores, leitores, contribuintes. Assim, as singularidades locais universalizam-se e todos os pontos de vista estão virtualmente presentes em cada ponto da rede.<sup>117</sup>

Entre os sites que se propõem a cumprir estes objetivos, vale destacar o italiano “*Sucar Drum*”<sup>118</sup>, que apresenta como missão garantir “o reconhecimento de uma cidadania plena dos direitos das minorias nacionais e européias Sinti e Rom”. Em uma

---

<sup>115</sup> SOARES, 1998: 159

<sup>116</sup> SOARES, 1998: 196

<sup>117</sup> LÉVY //MORAES, 2003: 367

<sup>118</sup> Disponível em <http://www.sucardrom.eu>. Acesso em: 25/11/2008

seção do site denominada “Mediazona”, há um artigo de autoria de Carlo Bernini em que o autor reconhece a identidade como uma construção social e afirma que nunca existiu uma cultura cigana única e genuína: “Quero ressaltar que quando falamos em Roms e Sinti não estamos falando de um povo com uma cultura, pelo contrário, estamos perante um vasto arquipélago de diversas culturas e com diferentes estruturas sociais”<sup>119</sup>. Por conta disso, o autor destaca o que considera um erro ao se chamar Roms e Sinti (grupos ciganos presentes na Itália) pelo nome genérico de ciganos.

Além da questão da identidade, o site possui uma seção sobre a história dos chamados ciganos, apresentando os indícios de sua origem indiana, informações sobre quando chegaram à Itália e sobre os horrores sofridos durante a Segunda Guerra Mundial. Há, também, duas seções sobre notícias: uma delas apenas das publicadas na Itália e, a outra, com notícias internacionais. No entanto, ambas encontravam-se com acesso indisponível em novembro de 2008. Na seção de contatos do “Sucar Drom”, aparecem os *e-mails* de três entidades ciganas, aparentemente as responsáveis pela sua produção: Ente Morale Opera Nomadi Sezione di Mantova, Istituto di Cultura Sinta e o Sucar Drom.

Os blogs também têm sido utilizados como ferramenta de aglutinação e deliberação entre ciganos. O próprio ‘Sucar Drom’ possui uma versão em blog tratando basicamente dos mesmos assuntos que o site, mas com espaço para comentários. Atualizado diariamente, o blog apresenta design simpático, apesar de contar com poucos recursos multimídia.

Outro blog, intitulado “Nevo Drom” apresenta, abaixo do título, a seguinte chamada: “Romani News, Views, Reviews, by Romani for Romani” (algo como ‘Notícias sobre ciganos, seus pontos de vista e resenhas de livros sobre o tema, por ciganos, para ciganos’). Nele são publicados cerca de dez *posts* por mês com notícias relacionadas aos ciganos no mundo, resenhas / críticas de livros sobre Roms, Sinti e Calons, informações sobre atos contra racismo, além de discussões sobre questões do movimento cigano.

Sobre este último aspecto, por exemplo, foi publicado um post, em outubro de 2008, no qual Michael Smith comenta uma manifestação da presidente da “German Sinti Alliance” (Aliança Sinti Germânica), Natascha Winter, que teria sido publicada na imprensa alemã, na qual ela pediria que os termos “Rom” e “Sinti” não fossem citados juntos, pois, segundo ela, todos os ciganos alemães seriam “Sinti”, enquanto Roms seriam,

---

<sup>119</sup> BERINI. Disponível em <http://www.sucardrom.eu/mediazione.html>. Acesso em 25/11/2008

basicamente, imigrantes do leste europeu.<sup>120</sup> Smith critica a opinião de Winter e defende a união de todos os ciganos, mesmo que chamados por este termo genérico - gypsy, em inglês -, com o qual ele afirma não se incomodar.

Em outro post, publicado em 17 de novembro<sup>121</sup>, Smith comentou uma notícia publicada no jornal inglês Daily Express na qual ele acredita que houve incitação ao ódio racial. A matéria ‘informa’ que famílias inglesas poderiam ser forçadas a vender terras para o governo criar acampamentos ciganos, o que, segundo Smith, não seria verdade. Na matéria, ainda é dito que muitos que se apresentam como ciganos na Inglaterra seriam, na verdade, imigrantes irlandeses ou do leste da Europa chamados pelo termo depreciativo de ‘tinkers’, algo como ‘funileiros ambulantes’.

O “Nevo Drom”, contudo, praticamente não possui comentários, o que indica que está servindo pouco aos propósitos de gerar discussão entre os ciganos. O editor do site, Michael Smith, informou que o site é acessado por uma média ínfima de vinte pessoas por dia.<sup>122</sup> Além disso, nos textos publicados, aparecem apenas um autor, outro indício de que a comunidade não participa ativamente de sua elaboração. Outro problema do blog é que ele não é esteticamente atraente: não apresenta fotos, muito menos vídeos, e os textos publicados, em geral, são grandes demais para serem lidos na Internet.

A necessidade de os ciganos conhecerem personalidades de suas etnias que tenham se destacado na História, na política ou na cultura, conforme defende o jornalista Orhan Gajlus, é parcialmente suprida também na Internet. O site Famous Gypsies<sup>123</sup> apresenta algumas pessoas famosas que seriam ciganos ou teriam descendência cigana – e aqui se evidencia novamente a confusão do que exatamente definiria a ciganidade. Entre as personalidades que seriam ciganas mencionadas no site estão Charles Chaplin – segundo os autores do site, ele não seria judeu, apesar de se identificar com este grupo étnico, e sua mãe, Hannah Smith, seria publicamente conhecidamente uma cigana -, Elvis Presley – cujos ancestrais do século XIX seriam ciganos Sinti, cujos sobrenomes seriam, originalmente, Pressler –, além dos presidentes brasileiros Juscelino Kubitschek e Washington Luís.

---

<sup>120</sup> Disponível em <http://onevodrom.blogspot.com/2008/10/german-sinti-alliance-against-use-of.html>. Acesso em 25/11/2008.

<sup>121</sup> Disponível em <http://onevodrom.blogspot.com/2008/11/daily-express-commits-incitement-to.html>. Acesso em 25/11/2008.

<sup>122</sup> Em resposta a pergunta enviada pela autora desta monografia, via e-mail, em 27/11/2008

<sup>123</sup> Disponível em <http://www.imninalu.net/famousGypsies.htm>. Acesso em 25/11/2008.

No Brasil, a existência de sites e comunidades virtuais que sirvam como espaço de encontro e discussão entre ciganos se mostra ainda mais importante diante da praticamente inexistência de uma imprensa comunitária de Roms, Sinti e Calons. Diferentes lideranças ciganas entrevistadas pela autora desta pesquisa afirmaram desconhecer veículos com essas características em território nacional e apontaram como causas principais a desunião entre os líderes e membros da comunidade – o que, segundo muitos deles, ocorreria em função da menor perseguição da qual seriam vítimas no Brasil em relação ao que sofrem os ciganos em países europeus.

Contudo, para Mohammed Elhajji<sup>124</sup>, só um desejo inconsciente dos brasileiros de se convencerem de que vivem no melhor dos mundos possíveis explicaria a permanência do discurso tradicional da cordialidade e de “democracia racial”. Como demonstra o pesquisador, ninguém pode negar que a paisagem étnica (‘*ethnoscapé*’) do Brasil é uma das mais diversificadas do mundo, mas há, tanto por parte da mídia como da opinião pública, uma apreensão excessivamente romântica e exótica da relação desses grupos com o Brasil.

Segundo Elhajji, o discurso público investido de autoridade representativa, estabelecida e reconhecida pelos próprios membros do grupo, deve ser particularmente valorizado como meio que os grupos minoritários (étnicos e confessionais) elaboram as suas estratégias de legitimação e formação de consenso, tanto entre o seu público interno como junto à sociedade.

Neste cenário, o que explica, então, a praticamente ausência de um discurso público representativo e reconhecido pelos membros das comunidades ciganas no Brasil? Para José Marques de Melo<sup>125</sup>, a imprensa comunitária, de um modo geral, seja de imigrantes, negra, religiosa ou de qualquer outro tipo, não encontrou condições para se desenvolver no Brasil devido a elementos que marcam a estrutura sociocultural do país: analfabetismo; autoritarismo político, que marcou a história política do Brasil, impedindo ou dificultando a mobilização e a participação dos cidadãos na condução dos destinos nacionais; a concentração de renda, responsável pela marginalização de vastos setores da população do consumo de produtos industrializados, incluindo o das mercadorias culturais, entre outros fatores.

Dessa forma, ele considera que inexista vida comunitária no país, por culpa da estrutura política que não tem permitido a disseminação dos ideais democráticos,

---

<sup>124</sup> ELHAJJI. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a02.pdf>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a02.pdf>. Acesso em 15/11/2008.

<sup>125</sup> MELO, 2006: 131

indispensáveis a qualquer aglutinação comunitária. No entanto, ele admite que a miséria é um fator de aglutinação na favelas das cidades e nos povoados das áreas rurais. Mas, nesses locais, a imprensa esbarraria no grande analfabetismo e no pauperismo econômico.

Para romper as barreiras que impedem o desenvolvimento da imprensa comunitária no país, o que significa, em verdade, superar as principais mazelas da sociedade brasileira, Melo destaca a papel central dos próprios meios de comunicação. Segundo ele, apenas com a superação do estágio de incomunicação em que vive o povo brasileiro é que será possível romper com o atomismo responsável pela desmobilização da sociedade que tem facilitado, em todo o mundo, a dominação exercida pelas elites.

Tratando especificamente de imprensa de imigrantes<sup>126</sup>, Melo afirma que esse tipo de imprensa tradicionalmente declina tão logo ocorre o processo de integração desses grupos minoritários à sociedade nacional. Por conta disso, o pesquisador acredita que a imprensa dos imigrantes que ainda perdura no país não se trata de uma autêntica imprensa comunitária, porque teria desaparecido a motivação comunitária que aglutinaria tais grupos. Segundo ele, os veículos que continuam a ser mantidos não passam de empreendimentos comerciais, que explorariam um “duvidoso comunitarismo, certamente rendoso aos seus proprietários”.

De fato, existem jornais supostamente ciganos ou relacionado a ciganos, como o carioca ‘Povo Cigano’, e até mesmo um programa de rádio, que vai ao ar às sextas-feiras, no Rio de Janeiro, na Rádio 96,1, sob o nome de ‘Magia Cigana’, que parecem servir aos fins mencionados por Melo.

Em ‘Povo Cigano’, o que não faltam são propagandas de supostas ciganas que garantem ‘orientação espiritual’, ‘como agir para obter aquilo que mais deseja: amor, profissional e espiritual’, ‘ritos de bruxaria ciganos’, ‘amarrações’, etc, que garantem o sustento da publicação, de distribuição gratuita. As matérias do jornal são basicamente sobre esoterismo – mesmo que não relacionado a ciganos, pois além de ‘magia cigana’, aborda também assuntos como Wicca, numerologia e apometria. O programa ‘Magia Cigana’, da cigana Lumiar – não reconhecida como cigana por diversas lideranças deste grupo étnico – segue a mesma linha.

Já no território livre da Internet, há tanto sites que se propõem a abordar de forma séria aspectos da cultura e da história cigana, quanto os que utilizam o termo ‘cigano’ como meio de chamar atenção e ganhar dinheiro. Para facilitar a compreensão, optou-se

---

<sup>126</sup> MELO, 2006: 130



aqui pela classificação dos sites nacionais relacionados a ciganos em três categorias: 1 - sites esotéricos, umbandistas ou candomblecistas; 2 – sites com o objetivo de divulgar atividades de uma determinada pessoa, grupo ou entidade; 3 – sites com objetivo de discutir e/ou difundir aspectos culturais, históricos e identitário dos ciganos. É preciso salientar, contudo, que a divisão é apenas didática, pois, na prática, muitos deles se encaixam em mais de um das categorias citadas.

Inseridos na primeira categoria, podem ser citados dois sites mais acessados: ‘Cigano.net’<sup>127</sup> e ‘Povo Cigano’<sup>128</sup>. O primeiro trata-se de um portal estritamente comercial, pois sua página inicial é totalmente composta de links para serviços como horóscopos, leitura de mapa astral, além de catálogos de pousadas – por incrível que possa parecer. Nesta primeira página é possível clicar em um link “ciganos”, onde há outros links para conteúdos sobre “baralho cigano”, “tarot cigano” e afins.

O segundo site, ‘Povo Cigano’, representa um desrespeito à bela religião umbandista que, apesar de não possuir uma ‘regulamentação’ oficial como a apresentada pela Igreja Católica, baseia-se no princípio da caridade tal qual o espiritismo, religião da qual surgiu.<sup>129</sup> De acordo com o site, a entidade cigana, incorporada por médiuns nos terreiros de Umbanda, seria representada pelo Cigano Rodrigo, que seria rei dos ciganos, e cuja última encarnação teria ocorrido na região da tríplice fronteira, entre Brasil, Uruguai e Paraguai, por volta do ano 1.800. Contudo, como já foi dito, não há e nunca houve reis e rainhas entre os ciganos. Como se não bastasse, de acordo com as informações escritas no site, o lema do povo cigano seria: “Sempre tenho o que você quer, mas quero o que você tem. Se quer o que eu tenho, pague o meu preço.” Isso foi escrito poucas linhas depois de terem dito que os “o verdadeiro Povo Cigano é honesto e trabalhador” e que “até hoje é mal interpretado e perseguido no mundo todo”. Ao fazerem isso, podem passar, a alguns desavisados, a impressão de seriedade e respeito aos ciganos, fazendo crer que a assertiva sobre “pague o meu preço” representa, de fato, um lema de Roms, Sinti e Calons, contribuindo, portanto, para perpetuar as imagens anti-ciganas.

---

<sup>127</sup> Disponível em <http://www.cigano.net/>. Acesso em 26/11/2008.

<sup>128</sup> Disponível em <http://www.povocigano.com.br/>. Acesso em 26/11/2008.

<sup>129</sup> A umbanda surgiu em 1908, por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes, que então tinha 17 anos. O jovem de Niterói – RJ sofria ‘ataques’ que não eram curados pela medicina tradicional, até que familiares o levaram para uma sessão espírita. Na sessão, espíritos de escravos e índios teriam se manifestado, mas o diretor dos trabalhos teria pedido que eles se afastassem por conta de seu ‘atraso espiritual’. O espírito que estaria incorporado em Zélio, identificado como “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, teria dito, então, que o médium realizaria, no dia seguinte, o primeiro culto de uma nova religião, cuja característica principal seria a prática da caridade.

Na segunda categoria, estão inclusos sites de ciganos ou supostos ciganos que desejam promover algum serviço ou atividade que realizam, além de portais sobre associações ciganas diversas. Neste caso, vale destacar dois sites de ciganas (ao menos auto-identificadas como tal): o da Mirian Stanescon<sup>130</sup> e o da cigana Luna<sup>131</sup>.

A primeira, como já foi dito, se auto-proclama rainha dos ciganos, o que aparece na página inicial de seu site. Um dos links da página inicial remete para informações sobre a trajetória dos ciganos no mundo, onde ela escreve: “A mim não importam os livros que consideram a Índia como o berço dos ciganos. (...) sempre ouvi histórias de meus antepassados egípcios, lendas daquela região e, por isso, creio convictamente que o povo cigano a que pertença veio do Egito”. Como sua ciganidade é contestada por muitos outros líderes ciganos, talvez não esteja mesmo errada em crer que o povo cigano a que pertence seja de origem egípcia. Em outra seção de seu site, Mirian contribui ainda mais para a propagação de informações sobre os ciganos que não correspondem exatamente à verdade: ela afirma que Santa Sara é ‘Padroeira Universal do Povo Cigano’, contudo há inúmeros ciganos evangélicos, muçulmanos, budistas, ou de outras religiões e até mesmo ateus que não a reconhecem como tal.

Já no site da cigana Luna, que divulga seus serviços esotéricos prestados por telefone (R\$ 30) ou via MSN (um pouco mais caro, R\$ 50), também há um tópico sobre ‘cultura cigana’, na qual ela afirma que os ciganos são uma ‘raça’ unida e apresentam características físicas definidas: em geral, seriam “altos, de pele bronzeada, dentes alvos, olhos grandes e negros, cabelos negros e enrolados” – como se, dada a heterogeneidade de condições em que vivem e dos vários países para os quais migraram, com cujos povos, até certo ponto, se miscigenaram, isso fosse possível.

Quanto aos sites que se propõem a divulgar aspectos da cultura e história cigana, vale destacar que são importantes fontes de informação sobre Roms, Sinti e Calons, a respeito dos quais há escassa bibliografia disponível em livrarias e bibliotecas. Contudo, ainda aqui é preciso cuidado, porque muitos deles, ainda que escritos por autores bem intencionados, caem na armadilha de generalizar e apresentar aspectos culturais de alguns sub-grupos como se fossem característicos de todos os ciganos, além de incorrerem em alguns erros conceituais. No portal ‘Salves’<sup>132</sup>, por exemplo, apesar de haver muitas informações corretas sobre a história dos ciganos, em determinado momento se faz

---

<sup>130</sup> Disponível em <http://www.mirianstanescon.com.br/>. Acesso em 26/11/2008.

<sup>131</sup> Disponível em <http://www.ciganaluna.com.br/>. Acesso em 26/11/2008.

<sup>132</sup> Disponível em <http://www.salves.com.br/gyphist.htm>. Acesso em 26/11/2008

referência aos grupos ciganos, chamando-os de tribos, conceito que não serve para designá-los, como visto no segundo capítulo desta monografia.

Outros sites, como o “Odisséia dos Ciganos”<sup>133</sup> e a seção sobre ciganos do DHNET<sup>134</sup>, reúnem artigos sobre o tema, mas são escassos os portais brasileiros que se dedicam a discutir aspectos mais atuais sobre os ciganos ou que se propõem a ser espaços de deliberação e união entre as comunidades ciganas. Uma das raras exceções é o blog ‘Conversas sobre o cigano’<sup>135</sup>, que, contudo, é pouquíssimo atualizado. O blog reúne matérias sobre ciganos publicadas em veículos de comunicação de todo o Brasil e de agências internacionais, além de trechos de artigos e livros sobre ciganos. Seus autores não chegam a produzir um conteúdo original ou a interagir diretamente com seus leitores, mas têm o mérito de reunir, em um único espaço, informações recentes sobre as comunidades ciganas. Além disso, eles utilizam recursos multimídia como vídeos, tornando o blog mais atraente, apesar dos longos textos nele reproduzidos. Contudo, o site também não parece ser um espaço de aglutinação e deliberação da comunidade cigana, o que ainda inexistente no território brasileiro.

---

<sup>133</sup> Disponível em <http://www.ciganosbrasil.com/>. Acesso em 26/11/2008

<sup>134</sup> Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/>. Acesso em 26/12/2008

<sup>135</sup> Disponível em <http://etniascigana.blogspot.com/>. Acesso em 26/11/2008

## 6. CONCLUSÃO

Os meios de comunicação contribuem para a reelaboração das identidades. Por conta disso, Canclini<sup>136</sup> defende que a reflexão atual sobre a identidade e a cidadania não pode ser tarefa de uma única disciplina, como antropologia ou sociologia política, e sim um trabalho transdisciplinar, em que intervenham especialistas em comunicação, semiólogos, urbanistas, e por aí vai.

Esta monografia tentou mostrar alguns efeitos da mídia na construção da identidade dos ciganos. Como visto, estes grupos ainda se encontram alijados do domínio das ferramentas comunicacionais que lhes permitam apresentar suas próprias versões de si mesmos. Iniciativas como essas ainda são poucas no mundo inteiro e, no caso do Brasil, praticamente inexistentes.

As razões para isso são diversas, como a falta de liberdade de imprensa em alguns países e a política de assimilação do ocidente, que torna as diferenças quase invisíveis. No Brasil, em especial, permanece a falsa impressão de ‘democracia racial’ e ‘cordialidade’, que imobiliza os grupos ciganos a se unirem em busca da formação de consensos e produção de discursos.

Dessa forma, Roms, Sinti e Calons continuam a ser apresentados de forma estereotipada ou abordados de modo superficial pelos meios de comunicação. Estes costumam apresentá-los conforme duas formas aparentemente opostas: excessivamente romantizados ou completamente estigmatizados como ladrões, trapaceiros, etc. Em ambos os casos, eles não são inseridos no noticiário diário como membros da sociedade, isto é, são sempre apresentados como segmentos à parte, estranhos, diferentes.

Não é à toa, portanto, que, ainda hoje, não tenham interrompido o processo de dispersão, iniciado no século X, já que continuam a sofrer perseguições. Por conta disso, eles se encontram espalhados pelos cinco continentes, constituindo uma das mais expressivas minorias do mundo. E, apesar de tudo, mantém uma ligação, acima das divergências e da diversidade, que os permitem se identificar como pertencentes a comunidade cigana, ainda que prefiram ser chamados pelos nomes dos subgrupos aos quais pertençam.

Isso faz deles uma comunidade particularmente interessante de ser estudada no contexto da globalização, aspecto não abordado especificamente neste trabalho. Neste

---

<sup>136</sup> CANCLINI, 1995: 136

caso, seria de grande relevância observar de que forma os meios de comunicação podem servir para uni-los globalmente, destacando-se aí, em especial, o papel da Internet.

Como foi demonstrado no capítulo cinco, os sites têm preenchido algumas lacunas criadas pelo baixo número de veículos de comunicação comunitária. Há sites que se propõem a discutir reportagens publicadas sobre ciganos, outros que têm por objetivo divulgar aspectos históricos e culturais dos ciganos para os não-ciganos e , ainda, alguns poucos, a transmitir notícias atuais sobre Roms, Sinti e Calons.

Contudo, é preciso dar um passo a frente caso os ciganos estejam realmente dispostos a assumir o controle da construção de suas identidades. O desenvolvimento de veículos de comunicação verdadeiramente comunitários contribuiria para ajudar na superação estágio de incomunicação em que vivem os ciganos, tornando possível o rompimento do atomismo responsável pela desmobilização de seus grupos.

## Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERINI, Carlo. **La mediazione culturale: una metodologia**. Disponível em <http://www.sucardrom.eu/mediazione.html>
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- CABRAL, Muniz Sodré de Araujo. **Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995
- COSTA, Elisa Maria Lopes da. Ciganos em terras brasileiras. Como não conseguiam ser integrados à sociedade metropolitana, os ciganos eram expulsos de Portugal para as colônias como degredados. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 16-19. nov. 2006.
- ELHAJJI, Mohammed. **Novas estratégias organizacionais no cenário global**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a02.pdf> Acesso em 15/11/2008.
- FAZITO, Dimitri. **A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticos sociais**. (2006). Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci_arttext). Acesso em 11 de outubro de 2008.
- FAZITO, Dimitri. **Transnacionalismo e Etnicidade. A Construção Simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana)**. Belo Horizonte, 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.
- FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael; PAIVA, Raquel. **Rio de Janeiro: estereótipos e representações midiáticas**. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 8/11/2008
- GONÇALVES, Andréa Lisly. Fazer o quê? A política metropolitana em relação aos ciganos era cheia de ambigüidades quanto à sua inclusão no projeto colonial. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 20-21. nov. 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Pouro.
- LOCATELLI, Marco Antonio. **O ocaso de uma cultura**. Santa Rosa: Barcellos, 1981

- MACEDO, Oswaldo. **Ciganos: natureza e cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992
- MATTA, Roberto da. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- MELLO, Marco Antônio da Silva; SOUZA, Mirian Alves de. Meirinhos Aristocráticos. Foi como oficiais de justiça que os ciganos calom eliminaram o preconceito contra o grupo e garantiram seu lugar na sociedade carioca. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 29-32. nov. 2006
- MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006
- MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008a. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos>. Acesso em: 01 out. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Os estudos ciganos no Brasil**. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008b. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos>. Acesso em: 01 out. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Rom, Sinti e Calon: os assim chamados ciganos**. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2000. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos01>. Acesso em: 01 out. 2008.
- MORAES, Denis (org). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2003
- PAIVA, Asséde. **Ciganos, Tziganos, gitanos, boêmios, zíngaros... Que são eles? E por que não devemos discriminá-los**. Disponível em <http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos.%20tziganos.%20gitanos.%20boemios.doc>. Acesso em: 27/11/2008
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto (orgs.). **Mídia, memória e celebridades**. Rio de Janeiro, E-papers.
- RIBEIRO, Cristina. Ladrões de crianças. Os primeiros estudos sobre a tradição cigana na cultura brasileira não escaparam dos estereótipos que perseguem o grupo. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 22-25. nov. 2006
- SOARES, Raquel Paiva de Araújo. **A estratégia comunicacional contra a memória hegemônica e o senso comum midiático**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004. Disponível em [http://leccufrj.files.wordpress.com/2008/10/paiva-rachel\\_estrategia-comunicacional-contra-memoria-hegemonica.pdf](http://leccufrj.files.wordpress.com/2008/10/paiva-rachel_estrategia-comunicacional-contra-memoria-hegemonica.pdf). Acesso em 27/11/2008.
- SOARES, Raquel Paiva de Araújo; BARBALHO, Alexandre (orgs). **Comunicação e cultura de minorias**. São Paulo: Paulus, 2005
- SOARES, Raquel Paiva de Araújo. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998

SOARES, Raquel Paiva de Araujo; CABRAL, Muniz Sodré de Araujo. **O seqüestro da fala comunitária**. Revista Interscience Place, Rio de Janeiro, p. 35-46, 2004.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. 2.ed. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008. Disponível em:

<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos>. Acesso em: 01 out. 2008

### **Reportagens:**

CABRAL, Themys. Ciganos reclamam de cartilha. Publicação do governo federal para orientar sobre direitos civis desagradada lideranças ciganas no país. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 6 abr. 2008. Vida e Cidadania. Disponível em:

<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=753951&tit=Ciganos-reclamam-de-cartilha>. Acesso em 15/11/2008.

Corpo é encontrado perto da tenda de ciganos em Ribeirão das Neves. **Globo Minas**, Belo Horizonte, 11 set. 2008. Plantão de notícias. Disponível em

<http://globominas.globo.com/GloboMinas/Noticias/Plantao/0,,MUL756527-9076,00.html>. Acesso em 08/11/2008.

GARES, Débora. Cultura cigana de graça no Tauá. Espaço Holístico Aquários oferece palestra e aula de dança gratuitas para romper mitos sobre o povo nômade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 abr. 2008. Jornal de Bairros: Ilha, p. 15

PAES, Marta. Em nome da tradição. Cartilha escrita por cigana nascida e criada em Nova Iguaçu a convite do governo federal prevê inclusão social e valorização cultural do povo nômade em todo o país. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 mai. 2008. Jornal de Bairros: Baixada, p. 10-12

Plano Nacional de Cultura para os ciganos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 35. nov. 2006.

Polícia catalã liberta jovem seqüestrada e estuprada por grupo cigano. **Folha Online**, São Paulo, 07 jul. 2008. Mundo. Disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u419987.shtml>. Acesso em 08/11/2008

O protetor da minoria cigana. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jan. 2007. Boa Viagem, p. 34-35.

Três homens de etnia cigana suspeitos de dois assaltos em Amarante em um “carjacking” em Felgueiras. **RTP**, Lisboa, 25 mar. 2008. Nacional. Disponível em

<http://www1.rtp.pt/noticias/index.php?article=335471&visual=26&rss=0>. Acesso em 08/11/2008.

### **Sites:**

<http://www.aprecisp.org/historia.html>

<http://www.cigano.net/>

<http://www.ciganosbrasil.com/>



<http://www.ciganaluna.com.br/>

<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos01.html>

<http://etniacigana.blogspot.com/>

<http://www.geocities.com/~Patrin/>

<http://www.imninalu.net/famous-Gypsies.htm>

<http://www.mirianstanescon.com.br/>

<http://onevodrom.blogspot.com>

<http://www.orkut.com.br/>

<http://www.povocigano.com.br>

<http://www.salves.com.br/gyphist.htm>

<http://www.vurdon.it/brazil>

<http://www.rio3001negocios.com.br/jordana>

<http://www.sucardrom.eu>

<http://uniaociganadobrasil.org/>

<http://www.unionromani.org/>